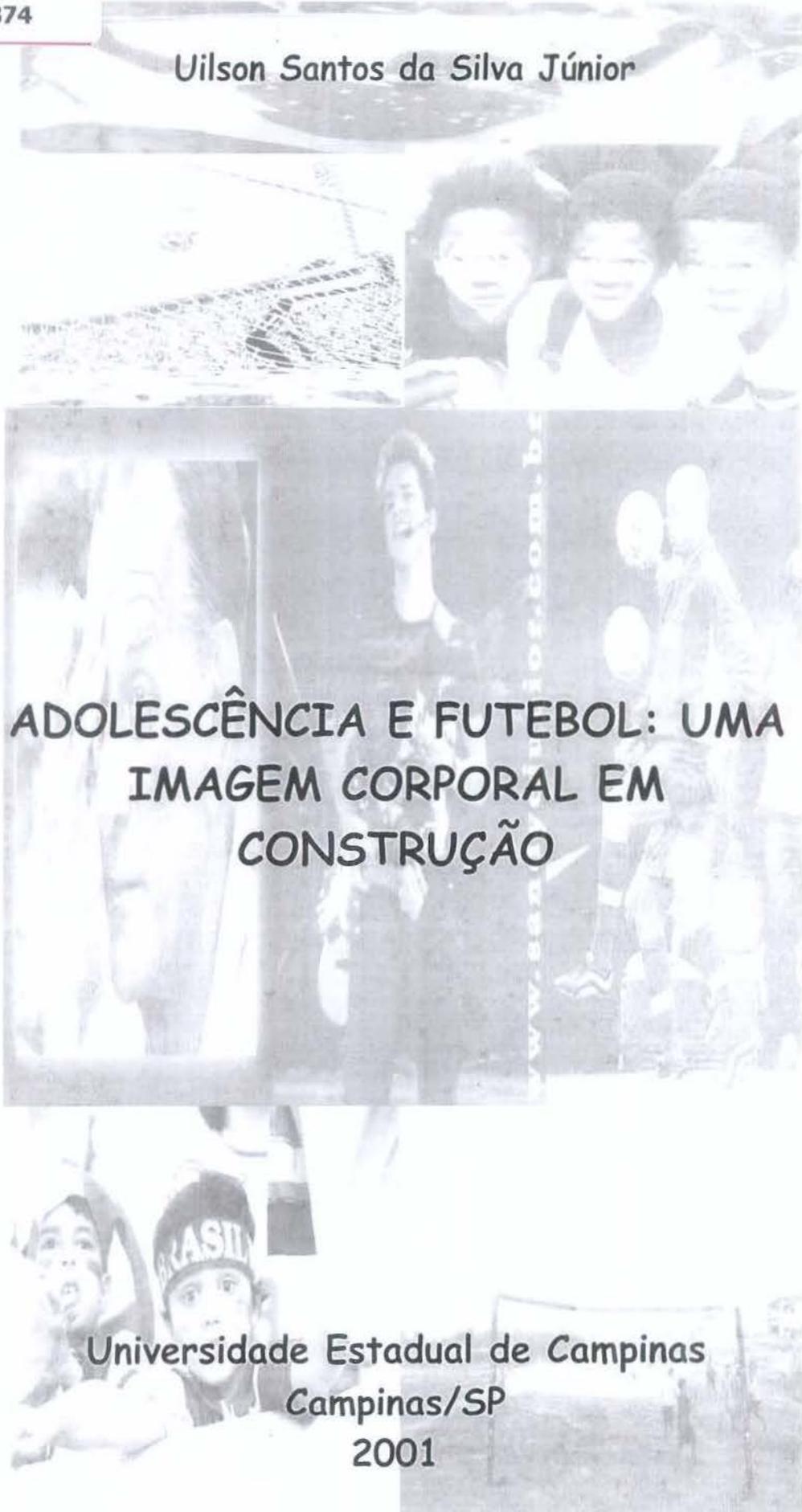


Wilson Santos da Silva Júnior



ADOLESCÊNCIA E FUTEBOL: UMA
IMAGEM CORPORAL EM
CONSTRUÇÃO

Universidade Estadual de Campinas
Campinas/SP
2001

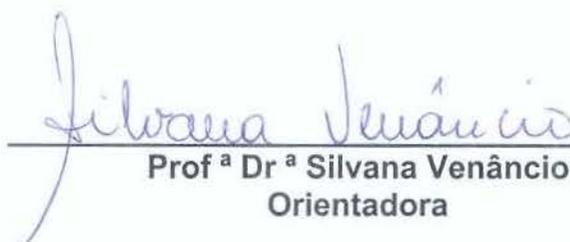
Uilson Santos da Silva Júnior



ADOLESCÊNCIA E FUTEBOL: UMA IMAGEM CORPORAL EM CONSTRUÇÃO

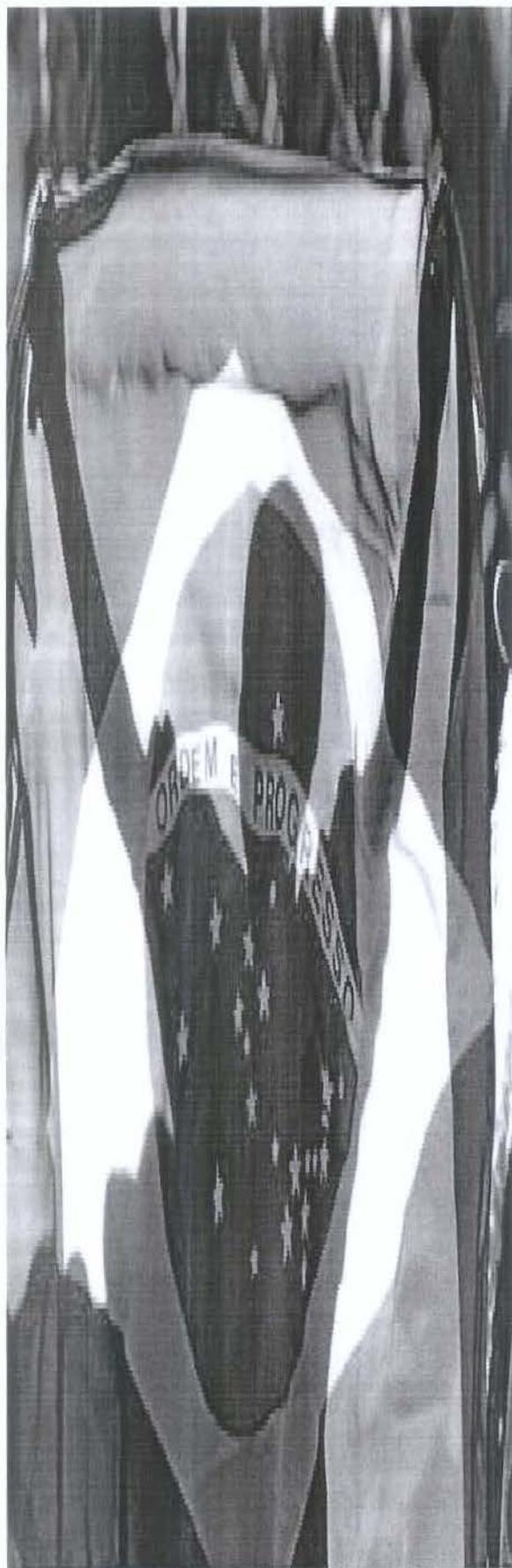
Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Treinamento em Esportes da Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para a obtenção do grau de BACHAREL EM EDUCAÇÃO FÍSICA.

**Universidade Estadual de Campinas
Campinas/SP
2001**


Prof^a Dr^a Silvana Venâncio
Orientadora

Prof^o Dr^o Roberto Rodrigues Paes
Prof^o Convidado

Prof^a Dr^a Mariângela G. C. Salve
Disciplina MH - 620



Este estudo, "imaginado" em um projeto de Iniciação Científica, se "corporificou" e, por meio de palavras, apresenta a sua "imagem". Contudo, dedicá-lo à **Silvana Venâncio** é inevitável, em decorrência da sua importante colaboração à Educação Física ao apresentar um olhar "fenomenológico" e qualitativo das questões humanas.



"O homem é programado para discernir, mas o hábito de atentar para as ferramentas-símbolos, chamadas palavras, afastou-o da percepção consciente total imediata do «aqui e agora». Simpatia e antipatia, uma possível capacidade residual deste tipo de percepção." (Pierre Weil e Roland Tompakow - 1986)

Homenagem especial a todos os integrantes do Laboratório de Motricidade Humana - FEF - UNICAMP.

AGRADECIMENTOS

Agradecer à todas as pessoas que colaboraram com esta pesquisa.....este é o momento de apresentar todo o elenco que compartilhou comigo da incrível "partida": a vida. Personagens especiais compuseram conjuntamente o cenário. Contudo, agradeço:

Ao "Cara lá de cima" que, despido de religião ou dogmatismo, despertou em todas as pessoas o Amor e o sonho pela "partida", e através da ética e da humanidade direcionou nossas conquistas.

À Silvana Venâncio que ao se expressar de maneira frágil e humana, demonstra à todos uma admirável orientação acadêmica. Como uma verdadeira "técnica" conduziu brilhantemente a "equipe", depositando confiança e esperança em meus sonhos.

À minha querida mãe, por toda a dedicação e Amor concedidos no decorrer da minha vida. Ao atuar como uma verdadeira "psicóloga do esporte", conteve as minhas lágrimas, nos momentos em que minha "equipe" perdia uma "partida, e compartilhou da minha felicidade em vários momentos.

À minha Avó Irene (in memoriam) pelo exemplo de humildade, justiça, simplicidade e Amor. Culturalmente, pude herdar a "paixão" pelo jogo da vida.

À querida Elaine pelo formidável auxílio e paciência demonstrado nos bastidores do estudo. Como uma verdadeira "preparadora física", por meio de seus sonhos e da sua garra, com uma "pitada" de perfeccionismo, me mostrou a "técnica de jogo" a ser utilizada.

À todos os jogadores de futebol que participaram como "personagens" principais expondo ao mundo suas histórias de vida.

Ao Luis e aos demais treinadores do Careca Sport Center por terem me indicado as possíveis personagens desta pesquisa.

Aos Professores, Amigos e Funcionários que, pela convivência amigável e construtora, constituíram a torcida. Incansável e compreensiva. Thaís, Júlia, Samara e Scheila, nem mesmo a distância conseguiu ofuscar o brilho de vocês.

"O amor jamais acaba; mas, havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, passará, porque em parte conhecemos e, em parte, profetizamos. Quando, porém, vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado. Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino. Porque agora vemos como em espelho, obscuramente, então veremos face a face; agora conheço em parte, então conhecerei como também sou conhecido. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três: porém o maior destes é o Amor." (Henry Drummond, 1883, recitando I Coríntios, cap.

RESUMO

Adolescência e Futebol: Uma Imagem Corporal em Construção

A adolescência consiste em um importante período no desenvolvimento humano, onde buscar-se-a a maturidade biológica, social e psicológica através do corpo. O corpo infantil deixa de existir, cedendo espaço a um novo corpo, desconhecido. O corpo adulto começa a ser moldado. Desta forma, o nosso estudo teve como objetivo principal identificar e analisar a construção da imagem corporal de adolescentes atletas, praticantes de futebol. Consideramos que as relações familiares e sociais estabelecidas, respectivamente, nos períodos da infância e da adolescência, e a prática sistemática de futebol se interagem no processo de construção da imagem corporal. O estudo é de natureza qualitativa que utilizou a história de vida oral como método de investigação. Conforme os resultados evidenciados, concluímos que os adolescentes praticantes de futebol não conseguiram superar as relações de dependência estabelecidas através do corpo, na infância, em decorrência da prática sistemática de futebol. O "luto" pelas relações infantis está sendo lentamente processado. Contudo, as figuras do pai (família) e do treinador (futebol) influenciam diretamente na construção da imagem corporal do jovem jogador. A nova imagem corporal é elaborada a partir da funcionalidade esportiva do corpo, da sexualidade e de valores estéticos, culturalmente estabelecidos. O corpo existe, primariamente, enquanto instrumento para a performance e rendimento esportivo. O corpo-adolescente projeta-se no corpo-atleta.

Palavras-chaves: Imagem Corporal, Adolescência e Futebol

SUMÁRIO

	Página
CAPÍTULO I - O PROBLEMA	1
Objetivo e Questões de Estudo.....	2
Justificativa	3
Pressupostos Conceituais.....	4
CAPÍTULO II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	5
A Adolescência e a Imagem Corporal.....	5
O Futebol.....	15
CAPÍTULO III - TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	22
Caracterização da pesquisa.....	22
Histórias de Vida.....	23
História Oral.....	24
Grupo Investigado.....	25
Instrumentação.....	26
Coleta de Dados.....	26
Tratamento dos Dados.....	28
CAPÍTULO IV - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	30
Análise cronológica.....	30
Quadro Temático.....	37
Análise da Trajetórias Individuais.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63
ANEXOS	66
Roteiro para a Entrevista.....	66
Registro Geral.....	68

Iniciarmos um estudo sobre adolescência não nos apresenta uma tarefa nada fácil. O período da adolescência ao ser caracterizado por uma série de transformações físicas, psicológicas e sociais, por muito tempo afastou o interesse científico. A investigação da infância ou senescência exercia, e ainda exerce, maior fascínio e interesse por parte dos acadêmicos. Contudo os estudos iniciados por Piaget e Aberastury destacam a importância de investigarmos este período da vida do ser humano.

Durante a adolescência, o indivíduo se encontra mais susceptível a influências sociais e culturais. Neste período as alterações corporais apresentam aos adolescentes a necessidade de elaborar uma nova imagem corporal.

Na década de 20, Shilder ao iniciar seus estudos sobre a imagem e esquema corporal nos destaca a necessidade de compreendermos a relação que estabelecemos consigo mesmos e com os outros (corpos). Para este autor, *"entende-se por imagem do corpo humano a figuração de nosso corpo formada em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta a nós"*. (1994, p.11).

A imagem estabelecida no segundo período de vida passa por sérias transformações, afinal o corpo infantil torna-se adolescente. As relações sociais e familiares caracterizadas na infância são modificadas objetivando a autonomia do indivíduo. Através do desenvolvimento das "estruturas formais do pensamento" o adolescente inicia o seu processo de acoplamento de produtos culturais. Neste contexto, surge o futebol como uma grande manifestação da cultura brasileira.

O futebol brasileiro, apesar de uma aparente decadência, ainda desperta paixões. Ao entrarmos em contato com os meios de comunicação – rádio, televisão ou jornais impressos – constatamos que o espaço dedicado a assuntos relacionados ao futebol é indiscutivelmente superior, quando comparado a outras modalidades esportivas. Nem mesmo a origem britânica, as características elitistas do início do século ou o amadorismo conseguiram impedir que o futebol se tornasse um produto da cultura brasileira, como o carnaval ou o samba. O futebol se tornou um esporte popular sendo praticado em todo território nacional, desde pequenos vilarejos á grandes centros urbanos, por crianças, jovens, adultos e idosos.

Com o advento da profissionalização do futebol no ano de 1933, a lucratividade de tal prática esportiva foi confirmada. O público que comparecia aos estádios para assistir as partidas, a venda de jogadores para a Europa ou países da América Latina gerava lucro aos clubes e associações esportivas. Dirigentes, técnicos e jogadores de futebol eram valorizados e financeiramente recompensados. Nos dias atuais, nomes como “Pelé”, “Zico”, “Romário”, “Ronaldo”, “Rivaldo”, dentre outros, são conhecidos mundialmente. Ser um bom jogador de futebol pode significar fama, dinheiro e reconhecimento.

Atualmente, a carreira de jogador de futebol se destaca dentre outras profissões como médico, professor, advogado ou economista. Durante a infância já simbolizamos a possibilidade de tornarmos um jogador de futebol. Contudo, clubes especializados na prática sistemática de futebol investem no treinamento de crianças e jovens em suas categorias de base, haja visto, que a descoberta de novos “talentos” pode significar lucro. Adolescentes são submetidos aos programas de treinamento que visam um alto rendimento esportivo e, muitas vezes, desconsideram as limitações biológicas e psicológicas apresentadas na adolescência.

No mesmo período que Schilder inicia seus estudos, o futebol brasileiro recusa o amadorismo e almeja a profissionalização. Até este momento a imagem que elaboramos de um jogador de futebol era a de um indivíduo branco, intelectualizado e pertencente a elite social da época. Caso contrário, seriam chamados de “macaquitos”. Com o profissionalismo significantes alterações ocorreram nesta imagem, dentre elas a redução na idade dos jogadores. “El fenomeno” entra em cena e destaca a imagem de um jovem jogador de futebol com características adolescentes.

Daí então, a situação-problema do nosso estudo focaliza a seguinte questão: como os jovens jogadores de futebol se veem e elaboram a própria imagem corporal, a partir das suas experiências de vida.

Objetivo e Questões de Estudo

Esta pesquisa teve como objetivo principal identificar e analisar como se constrói a imagem corporal do adolescente atleta do sexo masculino, praticante de futebol. Neste intuito consideramos as relações familiares, sociais e culturais estabelecidas, pelos participantes, no período da infância e durante a prática esportiva

sistemática. Contudo, recorreremos a análise de histórias de vida. A partir do objetivo central definido nesta pesquisa, foram formuladas as seguintes questões:

- 1- Quais eram as atividades corporais desenvolvidas pelos adolescentes, antes da prática de futebol?
- 2- Como eram estabelecidas as relações sociais e familiares antes e durante a prática sistemática de futebol?
- 3- Quais as interferências da prática sistemática de futebol na construção da imagem corporal?
- 4- Como o jovem jogador de futebol se percebe com relação ao corpo?

Justificativa

A relevância científica desta pesquisa se deve ao fato de se constituir em estudo exploratório e de permitir sua continuidade em outras pesquisas. Enfatizamos que poucos estudos têm sido realizados sobre a relação entre as temáticas adolescência, imagem corporal e o futebol. A metodologia científica, adotada nesta pesquisa, permitiu que os estudos sobre a imagem corporal não se restringissem somente à análises de desenhos e gravuras. Trazendo assim, contribuições metodológicas e temáticas.

A relevância social da pesquisa esta na busca da compreensão como a prática sistemática de futebol influencia nas relações sociais do adolescente e na construção da imagem corporal.

A relevância temática no âmbito da Educação Física se faz necessária, haja visto que é, ao mesmo tempo, uma área com destacada atuação no esporte de alto rendimento, na psicologia esportiva e nas práticas pedagógicas, podendo assim compreender a imagem corporal de adolescentes inseridos num contexto esportivo.

As informações obtidas através desta pesquisa poderão originar novas questões a serem investigadas ou mesmo permitir a compreensão da questão da imagem corporal de atletas.

Pressupostos Conceituais

Para a realização deste estudo, apresentamos os pressupostos conceituais que muito contribuíram em sua fundamentação:

- 1 - A imagem corporal se reporta aos sentimentos, informações ou experiências fornecidas pelo próprio corpo, portanto a sensações de natureza háptica, sensorial , emocional ou social (Quirós e Schrage,1998).
- 2 – A imagem corporal é a figuração de nosso corpo, formada em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós (Schilder, 1994).
- 3- Cada sociedade se expressa diferentemente por meio de corpos diferentes. Todo homem, mesmo inconsciente desse processo, é portador de especificidades culturais no seu corpo. Tornar-se humano é tornar-se individual, individualidade esta que se concretiza no e por meio do corpo (Daolio,1995).
- 4 - Á medida que o corpo vai se transformando e adquirindo os contornos definitivos de adulto, o adolescente vai gradualmente plasmando a imagem corporal definitiva de seu sexo. Como na sua mente há uma espécie de protótipo idealizado dessa imagem (formado a partir de valores estéticos com respeito a forma humana que lhe são transmitidos) via de regra ocorre um conflito entre a imagem fantasiada deste modelo idealizado e a imagem real do seu corpo em transformação. Esta é a raiz das ansiedades do adolescente com respeito a seus atributos físicos (Osório, 1991).

Adolescência e Imagem Corporal

O que é adolescência? Para muitos autores, tal fenômeno se restringe a uma fase evolutiva a ser transposta em busca da maturação e desenvolvimento biológico, em que através do corpo buscar-se-á a independência bio-sócio-familiar.

Antes de definirmos o termo adolescência, devemos fazer uma viagem ao passado, e nos reportarmos aos primeiros anos de nossas vidas buscando identificar os momentos cruciais para a obtenção da almejada independência. Nos primeiros dias de vida somos surpreendidos com um mundo novo e desconhecido. Estávamos adaptados a viver em um espaço delimitado pelo útero e pelo corpo materno. Mantínhamos uma estreita e vital relação com a figura materna.

Após a grande surpresa, percebemos que primariamente dependeremos das outras pessoas, essencialmente da mãe, para suprirmos as necessidades vitais. A figura do pai nos é apresentada. A responsabilidade de manter a nossa sobrevivência é parental, não apenas materna.

O tempo passa...ao final do primeiro ano de vida, inevitavelmente, algumas e importantes alterações ocorrem em nossos corpos. A eclosão da genitália nos diz que certamente teremos uma função pré-estabelecida a ser cumprida neste novo e desconhecido mundo. Deixamos de ser "bebês". Agora somos denominados de meninos e meninas.

O surgimento da dentição nos mostra que estamos evoluindo em busca de uma autonomia no processo de alimentação. O leite materno assume uma posição secundária, pois já podemos mastigar determinados alimentos e engatinhar rumo ao mundo externo. Aos poucos percebemos que podemos assumir uma postura ereta e, assim, observamos o mundo externo de outro foco.

Ao olharmos o "mundo" sentimos a necessidade de vivenciá-lo. Contudo, através do desenvolvimento da marcha e da linguagem esta vivência se torna possível. *Piaget* considera que a criança, por volta dos dezoito a vinte meses de vida, consegue interiorizar – simbolizar- a sua própria *imagem corporal*. Neste momento, indubitavelmente, devemos fazer uma parada em nossa viagem à infância e destacarmos o desenvolvimento do *esquema corporal* de acordo com *Piaget*.

As terminologias “imagem corporal” e “esquema corporal “ necessitam de definições, para que possam ser diferenciadas e para que possamos prosseguir com a nossa pesquisa.

Definirmos o termo “imagem corporal”, não é uma tarefa nada fácil. Segundo RUBIO (1998,p 14), “o conceito de imagem corporal é tão controverso quanto as áreas onde ele foi desenvolvido”. De acordo com Olivier (1995) os primeiros estudos sobre o tema foram realizados a partir de 1908 por Arnold Pick que buscou integrar estímulos visuais, sensações táteis e o movimento. A partir da década de 40 o conceito de imagem corporal se amplia, com a publicação das investigações realizadas por Paul Schilder.

Schilder, a partir da psicanálise, investigou em seus estudos o desenvolvimento da imagem corporal em pacientes considerados “normais” e em situações patológicas (Traumatismos físicos, amputações e condições neuropatológicas sobre o desenvolvimento da imagem corporal). Todavia, tal autor entende por imagem corporal “a figuração de nosso corpo, formada em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós”.

Tomando com referência este conceito, devemos considerar a influência de fatores *fisiológicos, psicodinâmicos e sociais* na relação que estabelecemos com o nosso corpo. Os *fatores fisiológicos* seriam responsáveis pela percepção morfo-fisiológica (estruturas ósseas, musculares, humorais e nervosas), sendo de suma importância a influência de informações geneticamente herdadas e obtidas somaticamente em fases anteriores da vida do sujeito.

Os *fatores psicodinâmicos* estariam relacionados as emoções vivenciadas pelo indivíduo através das relações sociais, familiares e afetivas desde o período de vida intra-uterino. Por último, devemos destacar os *fatores sociais* onde, a partir do convívio social, o indivíduo apreende valores e produtos culturais. Com base em estudos antropológicos realizados por Daolio (1995), podemos destacar a forte influência social e cultural na concepção que temos de corpo: “Cada sociedade se expressa diferentemente por meio de corpos diferentes. Todo homem, mesmo inconsciente desse processo, é portador de especificidades culturais no seu corpo. Tornar-se humano é tornar-se individual, individualidade esta que se concretiza no e por meio do corpo” (p.36).

Shilder (1994) destaca que a imagem corporal é construída a partir dos sentidos, através de sensações e percepções corporais. Constantemente observamos nossos corpos, mesmo que refletidos em espelhos ou vidraças. Ouvimos ruídos e sons produzidos por eles ao cantarmos ou gritarmos o nome de alguém. Sentimos o calor ou o frio de suas extremidades. Sentimos o frio ocasionado pelo inverno, ou o calor extenuante provocado pelo verão tropical. Cotidianamente vemos, ouvimos e sentimos a existência de outros corpos. Representamos, desta forma, o “corpo-eu” e o “corpo-outro”. Estas representações, ao comporem a imagem corporal, proporcionam a última um contínuo processo de avaliação, buscando identificar as partes que pertencem ou não a atual imagem corporal.

Através da memória, a imagem corporal é construída não somente utilizando experiências presentes, mas também ocorrências passadas. Desta maneira, podemos afirmar que tal imagem sempre está em um contínuo processo de construção, haja visto que com o desenvolvimento humano e com o passar dos anos, o tempo presente, no futuro, será passado.

A imagem corporal, ao ser adquirida, possui características dinâmicas. À todo momento há um esforço contínuo em reconstruir, de forma modificada, o que foi destruído, buscando determinar uma unidade corporal. Segundo Rubio (1998, p 16): “*a imagem corporal é uma unidade, unidade adquirida e não dada, que pode ser destruída, implicando em esforço contínuo para dar uma estrutura a algo dinâmico.*”

Para Quirós e Schrage, citado Rodrigues (1998, p.20): “*A imagem corporal se reporta aos sentimentos, informações ou experiências fornecidas pelo próprio corpo, portanto a sensações de natureza háptica, sensorial, emocional ou social*”. Desta forma, podemos considerar que a imagem corporal, apesar das suas características individuais, onde cada indivíduo baseado na sua cognição e experiência estabelece um “corpo-eu”, é construída socialmente.

O corpo estabelece, constantemente, um jogo de descoberta e de recuo. Através da verbalização e de comportamentos o corpo se adequa ao meio social, porém por meio dos limites físicos (pele, pêlos) o mesmo expressa a sua individualidade. De acordo com Rodrigues (1998, p 20): “*A imagem do corpo, por outro lado, relaciona-se com a consciência que o indivíduo tem do seu corpo em termos de juízos de valor afectivo*”.

A imagem corporal, aparentemente subjetiva e individualizada, é construída por meio das primeiras relações sociais, estabelecidas na gestação através da figura

materna até a convivência nos mais variados grupos durante a maturidade (adulthood). Shilder (1994) afirma que, desta maneira, a imagem corporal do “corpo-eu” nunca está isolada, está sempre circundada pelas imagens corporais dos outros. Sendo assim, podemos afirmar que a construção da imagem corporal não se restringe apenas a um processo isolado e individual, as relações sócio-culturais influenciam e determinam tal construção. A existência da imagem corporal do “corpo-outro” determina a imagem do “corpo-eu”.

E assim, como conclui Rubio (1998, pp 21-22) : *“Sendo assim poderíamos dizer que na medida que a imagem corporal reflete a cultura do grupo no qual o indivíduo está inserido, este mesmo grupo sofrerá as influências dessa construção individual numa interrelação que é a própria razão de ser dos grupos sociais”*.

Neste momento, apresentamos a definição de “esquema corporal, em decorrência da íntima relação estabelecida com o tema “imagem corporal”.

Para Wahba (1982), citado por Rubio (1998), esquema corporal é:

“um modelo perceptivo do corpo como figuração, espacial, para que este possa se localizar no espaço, bem como reconhecer e situar as estimulações a atitudes correspondentes. Este conceito é proveniente de uma visão descritiva, derivada do modelo médico, resultante do esforço das pesquisas neurofisiológicas e da psicologia experimental”. (p. 18-9)

A utilização do termo “imagem” ou “esquema” corporal ainda não é um consenso universal no meio científico. Primeiramente, poderíamos afirmar que “esquema” se reporta a uma percepção (neuropsicofisiológica) corporal, enquanto “imagem” se reporta a uma apercepção (psicocognitiva) corporal. Olivier (1995) elucida que:

“observa-se uma tendência de uso do termo esquema na neurologia, enquanto a psiquiatria e a psicologia parecem preferir o emprego de imagem. Sendo as áreas de interesse e os métodos de pesquisa destas ciências distintos entre si, necessariamente os significados que atribuem ao fenômeno correspondem a concepções diferenciadas do mesmo (e, portanto, a posturas ideológicas específicas face a ele)”. (p. 07)

O esquema corporal apresentaria comportamentos geneticamente herdados, valorizando o seu desenvolvimento. De acordo com Rodrigues (1998), o desenvolvimento do esquema corporal, desde a infância até o início da adolescência

deve seguir etapas determinadas pelas representações mentais e pela cognição. Contudo, tal autor cita as etapas do *desenvolvimento do esquema corporal* fundamentado em Piaget. Tal desenvolvimento ocorreria nas seguintes etapas: 1- *as primeiras ações*: em suas primeiras ações a criança não consegue diferenciar as primeiras explorações do “corpo-eu” do mundo externo; 2- *o desenvolvimento da capacidade de apreensão*: tal capacidade permite que a criança desenvolva o conhecimento sensório-motor. Piaget considera que, neste momento seja possível a organização de um *esquema corporal sensório-motor* a partir das seguintes aquisições: a noção de objeto, a imitação postural e a noção de progressividade de um “eu” independente; 3- *imitações diferidas e imagens mentais*: surgimento da imagem corporal como uma imagem mental, imitação interiorizada, através da representação de um corpo unido e independente se desenvolve em torno do dois anos de vida; 4- *Diferenciação e análise*: a criança ao conhecer melhor o seu corpo, em torno dos cinco anos de idade, consegue se colocar no lugar do “corpo-outro”, com o desenvolvimento da percepção e cognição; 5- *Objetivação*: ao iniciar a adolescência, por volta dos doze anos de idade, o indivíduo estabelece um verdadeiro esquema corporal através de um conhecimento representativo adquirido por meio da diferenciação dos objetos independentemente das relações que estabelecem com as outras pessoas.

A íntima relação estabelecida entre “esquema” e “imagem” corporal, se apresenta claramente nos estudos sobre a motricidade/movimento humano. Le Boulch (1987) nos destaca a importância de diferenciarmos a realidade neurológica do esquema corporal e a realidade psicanalítica, imagem corporal. Ao citar F. Ganthret, Le Boulch sublima:

“do corpo real ao corpo no fantasma, do esquema corporal à imagem do corpo, há toda a relação e a distância que existe, por exemplo, entre os elementos da realidade, da vigília e seu prosseguimento no sonho, isto é, num outro texto”. (p.25).

A atividade física, surge neste contexto, como mediadora na elaboração de uma nova imagem corporal. Através da atividade física, coloca-se o corpo em movimento. Com o corpo em movimento, o indivíduo pode tomar consciência das unidades que compõe o mesmo. A imagem corporal é destruída e reconstruída durante o movimento.

O esporte então, passa a ser uma alternativa interessante, haja visto que colabora na elaboração da imagem corporal.

Após definirmos "imagem corporal" e "esquema corporal", ao citarmos Le Boulch entramos em contato com uma das principais temáticas estudada pela Educação Física: a motricidade/movimento humano. Com isso, ao percebemos a importância de tal objetivo no desenvolvimento do indivíduo, devemos prosseguir com a nossa viagem ao passado, mais especificamente na infância.

Com o desenvolvimento do "andar, observamos que o mundo externo começa a se relacionar com o mundo interno, elaborado no período uterino. Podemos caminhar e nos comunicar, mesmo que através de palavras monossilábicas, com as outras pessoas, porém devemos respeitar as intenções de nossos pais.

A figura dos pais assume uma característica heróica e admirável, pois são adultos. Somos apenas meninos e meninas, que através de características bissexuais, não sabemos muito bem as funções que iremos exercer no "mundo dos adultos".

O tempo avança rapidamente...entramos na escola. Os primeiros anos escolares voam. A responsabilidade de manter a nossa sobrevivência é dividida com a sociedade. As figuras do professor, do cantor, do policial, do jogador de futebol, do juiz, entrem outras, assumem características heróicas e admiráveis também. Estas características não pertencem mais exclusivamente a nossos pais.

Estávamos nos acostumando com o corpo infantil que tínhamos adquirido com o tempo, com as nossas responsabilidades de criança, com a dependência parental, com as brincadeiras. As nossas personalidades já tinham uma morada segura: nossos corpos infantis. Porém, como se fosse num passe de mágica, são iniciadas alterações neles. Estamos diante da adolescência. Nossos corpos não são mais de crianças. Mas não o são de adultos, também. O sonho de nos tornarmos adultos está prestes a se tornar real.

Pois bem, devemos nos reportar ao tempo presente e retornamos da viagem ao passado. Definirmos o termo "adolescência" não parece ser uma tarefa fácil, haja visto que, em decorrência da dificuldade em defini-lo e compreendê-lo, os estudos científicos que abordam objetivamente o termo são consideravelmente recentes.

Associar a adolescência às modificações corporais - sendo estas biológicas, fisiológicas e morfológicas - é o nosso primeiro impulso. As alterações humorais estabelecem o desenvolvimento das características sexuais secundárias, em ambos os sexos. O desenvolvimento de pêlos pubianos, das genitálias, dos brotos mamários,

entre outros, nos permite classificar o indivíduo em “homem” e “mulher”, onde as funções biológicas para a manutenção da espécie já se estabelecem.

O início da adolescência costuma ser relacionado ao aparecimento das características sexuais secundárias, indicadores da puberdade. Na menina a menarca (primeira menstruação) costuma se dar entre os 11 e 15 anos de idade. Já nos meninos a espermarca (aparecimento dos primeiros filamentos de espermatozoides maduros) é um pouco mais tardia, variando entre os 12 e 16 anos. Pela dificuldade de sua identificação normalmente a consideração da espermarca é substituída pelo crescimento da genitália.

As mudanças físicas pelas quais o adolescente é submetido, são facilmente visíveis. Tais mudanças, apesar de serem extremamente individuais (variando conforme raça, fatores nutricionais, sociedade e local geográfico onde vivem os indivíduos), podem ser padronizadas, diferenciando os adolescentes somente pelo sexo. Nos meninos, o início da adolescência pode ser notado por: aceleração no crescimento dos testículos e pênis; surgimento dos primeiros pêlos pubianos, axilares e faciais; crescimento em altura, aumentando o volume da laringe o que torna a voz mais grave.

Nas meninas nota-se: uma aumento de volume das estruturas primárias, precedido ou não de pêlos pubianos; a menarca surge quando a velocidade de crescimento estatural diminui, após ter passado o pico máximo; aparecimento de pêlos axilares; aumento do peso do útero (pré-puberal: 5,3 g; maduro: 43 g).

Eckert (1993) apresenta um “*Sumário das Características de Desenvolvimento Durante a Adolescência*”: a) desenvolvimento de características sexuais e maturação biológica devido ao aumento da secreção hormonal; b) rápida explosão de crescimento resultando em substanciais ganhos de peso e altura; c) taxas diferenciais de crescimento em segmentos corporais durante a explosão de crescimento; d) a maior largura dos ombros obtida pelos rapazes, elevam o centro de gravidade; enquanto a maior largura dos quadris obtida pela moças abaixam o centro de gravidade; e) proporcionalmente maior crescimento do comprimento de membros, para os rapazes; f) mudanças nos sistemas fisiológicos (ex.: cardiovascular e respiratório) resulta em núrios mais altos de tolerância a atividade física para os rapazes comparados com as moças; g) aumento das diferenças sexuais na composição do tecido corporal: rapazes mais músculos e moças mais gordura; h) aumento do comprimento de membros aumenta a alavancagem para velocidade; i) rápido e bem definido ganho de força

pelos rapazes; j) pode acontecer algum platô no equilíbrio, coordenação, coordenação óculo-manual, e/ou atividades de resistência durante o surto de crescimento; l) alta capacidade de atenção; m) orientado para a pessoa da mesma idade; n) grande interesse em proficiência; o) alto espírito competitivo, especialmente nos rapazes; p) interesse pelo sexo oposto; q) aumento da variabilidade individual, devido a diferenças nas taxas de maturação, isto é, avançados e retardados em maturação; r) aumento da maturidade social.

Podemos perceber que todas as alterações corporais, ocorridas desde o momento do nascimento até o início da puberdade, são acompanhadas de modificações nas estruturas psicológicas e sociais.

O corpo infantil, através da sua motricidade, mantinha uma estreita relação com a família. A partir das limitações físicas impostas pelo processo de desenvolvimento, em direção a maturação biológica, proporcionavam a criança o direito de ser criança e a necessidade de estarem intimamente dependentes das relações parentais. Wallon, citado Paz (1990), destaca a relação simbiótica estabelecida entre a criança e a mãe, em que através da introdução do termo *simbiose* em psicologia procurou destacar a relação de dependência entre mãe-filho e a falta de autonomia por parte da criança.

A elaboração de um corpo infantil não se restringe apenas a fatores biológicos. A cultura surge como um forte alicerce para a construção deste corpo. Não podemos ignorar a influência cultural no desenvolvimento humano. A relação com os pais e com a sociedade, desde cedo, deixa a sua marca no corpo. O corpo se torna infantil ao assumir posturas e condutas vivenciadas, provavelmente, pelos pais durante o período de infância. Este corpo infantil, ao ser estruturado, torna-se familiar a criança.

Com o início da puberdade e as conseqüentes mudanças corporais o indivíduo se depara com uma desestruturação completa. O corpo infantil que estava acostumado a vivenciar deixa de existir fisicamente. As relações com o mundo externo são significativamente alteradas. Se vê perante a um corpo que não conhece. Neste ponto começam a surgir as famosas crises do período da adolescência.

Neste momento, torna-se necessário apresentar então o conceito de *crise*, assumido nesta pesquisa. Compartilhamos com Mora, citada por Paz (1990) ao afirmar que: "*o sentido originário de crise é juízo (no sentido de decisão final sobre um processo), eleição e, em geral, término de um acontecimento em um ou outro sentido*".

O corpo, agora, adolescente enfrenta uma situação ambígua. Por um lado está biologicamente apto a ingressar no mundo dos adultos, uma vez que está funcionalmente e morfologicamente preparado para a consumação do incesto. Porém, por outro lado não está suficientemente maduro para arcar com as cobranças sociais e culturais. O Adolescente passa a não se reconhecer em seu próprio corpo. O corpo infantil que estava acostumado a observar, existe apenas na lembrança. As vestimentas que estava acostumado a usar, não lhe servem mais.

“À medida que o corpo vai se transformando e adquirindo os contornos definitivos do adulto, o adolescente vai gradualmente plasmando a imagem corporal definitiva de seu sexo. Como na sua mente há uma espécie de “protótipo idealizado” dessa imagem (formado a partir de valores estéticos com respeito a forma humana que lhe são transmitidos) , via de regra ocorre um conflito entre a imagem “fantasiada” deste modelo idealizado e a imagem ‘real’ do seu corpo em transformação. Esta é a raiz das ansiedades do adolescente com respeito a seus atributos físicos”. (Osório , 1991, p. 16)

Estudos apresentados por Aberastury (1990) destacam a relação entre a adolescência e a construção da imagem corporal. Na observação de gravuras desenhadas por adolescentes, retratando os seus próprios corpos foi possível determinar a representação de membros inferiores e superiores desproporcional, quando relacionada ao restante do corpo. O crescimento das extremidades corporais característico da adolescência é evidenciado. A dificuldade em estabelecer a individualidade se fez presente em alguns desenhos em que a imagem do corpo infantil era retratada e nomeada, mesmo que o mesmo não existisse mais. A questão da sexualidade foi apresentada, ora na forma de um indivíduo assexuado, sem definição aparente, ora na exaltação das genitálias.

A relação de simbiose com a família, estabelecida na infância, ainda não foi completamente rompida. A dependência social ainda permanece, apesar de ser possível observar uma necessidade de independência para o ingresso no mundo dos adultos. De acordo com Paz (1990):

“ O conflito básico da crise do adolescente é a elaboração do vínculo de dependência simbiótica, a remoção de suas relações objetais. Os processos de desprendimento e diferenciação desorganizam e desestruturam a precária identidade lograda até este momento.”(p. 168)

Contudo, na busca da independência, o adolescente se organiza em grupos: colegas da rua, a “turma do futebol”, o “pessoal da banda de rock”, os “grupos do colégio”, o “pessoal da danceteria”, entre outros. A necessidade de se “libertar” da estreita relação familiar, na qual as regras e normas estão fortemente estabelecidas, indicam ao adolescente a opção de se organizar em um novo ambiente, no qual as regras a serem cumpridas serão elaboradas por um conjunto de pessoas com características semelhantes. Neste momento surge a relação de dependência-independência.

O adolescente passa então, a conviver em pequenos grupos com o intuito de elaborar a sua individualidade. Através das semelhanças os adolescentes se organizam e passam a assumir valores que não lhes são oferecidos.

Através de determinadas atitudes características dos adolescentes podemos perceber a vivência desta nova relação ambígua. O interesse em utilizar o automóvel da família, destaca uma dupla sensação. A primeira seria a independência perante a turma de amigos, que observaria naquele ato o desfrutar do mundo dos adultos, enquanto a segunda sensação seria a dependência dos pais, ao utilizarem um bem que pertence aos adultos. Ao estudarmos o fenômeno adolescência devemos considerar a importância das relações familiares e sociais.

O adolescente imerso em uma gama de modificações busca estabelecer a sua nova identidade a partir das antigas relações que estabeleceu com o convívio familiar por meio do corpo infantil.

Para Aberastury (1990) a adolescência se constitui em três períodos de lutos essenciais. O primeiro seria o *luto pelo corpo infantil*, em que o adolescente deve perceber as alterações morfo-funcionais ocorridas em seu corpo. O corpo infantil deixa de existir fisicamente e cede espaço a um corpo adolescente. O segundo seria o *luto pelo papel e identidade infantis* e o terceiro seria o *luto pelos pais da infância*.

Caracterizar esta fase do desenvolvimento humano torna-se uma tarefa árdua, partindo do fato que a adolescência não se delimita em dados cronológicos nem tampouco sociais. É uma fase onde o nosso corpo sofre uma série de transformações, sejam elas psíquicas ou orgânicas, uma verdadeira reforma: deixamos de ser criança, mas ainda não somos adultos .

A duração da adolescência pode ser considerada de caráter psicológico. Para se tornar um adolescente, basta que a criança inicie um processo de alterações físicas

e fisiológicas, contudo para deixar de sê-lo é necessário uma série de conquistas no plano cognitivo, afetivo, social e cultural que consiste em um processo lento e longo, resultando, muitas vezes, em crises e dificuldades.

Todavia, este é o momento. Devemos estabelecer a nossa definição de adolescência, para isto recorreremos as definições de Knobel (1990) e Aberastury (1990). Para Knobel:

“A adolescência pode ser definida como uma fase evolutiva durante a qual o indivíduo trata de estabelecer sua identidade adulta: a) sobre a base da internalização, nas primeiras idades, dos objetos parentais e de suas inter-relações, e b) mediante a verificação constante do ambiente social que o rodeia e onde vive neste momentos de sua vida.” (p.111)

Desta forma, a adolescência pode ser caracterizada com uma fase da vida na qual o ingresso no mundo dos adultos se faz evidente. Através do desenvolvimento das “estruturas formais de pensamento”, propostas por Piaget, o indivíduo deverá conquistar a sua independência, haja visto que já percebe a sua função no “mundo dos adultos”. Segundo Aberastury (1990) *“a adolescência é um momento crucial na vida do homem e constitui um processo de desprendimento”*.

O Futebol

Antes de discorrermos sobre o tema futebol, julgamos necessário apresentar uma diferenciação entre as terminologias jogo e esporte. O futebol brasileiro ao ser considerado por muitos autores como uma catarse da sociedade ou um legítimo produto da cultura brasileira oscila, ora em manifestações esportivas – Seleção Brasileira e Clubes – ora em manifestações simbólicas, na forma de jogos ou brincadeiras.

Jogo e esporte são termos que, no senso comum, podem parecer sinônimos. Esta confusão não é de toda errada, haja visto que o esporte incorpora elementos do jogo, mas possui objetivos além deste. O esporte é um jogo também, porém possui características que não podem ser encontradas no jogo.

Segundo Helal (1990, p. 33) *“é o surgimento de uma organização em grande escala, administrando, controlando e regularizando as competições, que nos possibilita em última instância diferenciar sociologicamente jogo de esporte”*. Essa informação, porém, não diferencia diretamente jogo de esporte, uma vez que os Jogos Olímpicos

da Grécia Antiga, também eram organizados. Sendo assim, devemos considerar outros fatores para diferenciar esporte de jogo.

Os Jogos Olímpicos da Grécia Antiga eram considerados festivais sagrados. Neles os competidores buscavam aproximarem-se dos deuses. Já o esporte surge sem vínculo religioso. Tendo a sua origem na Inglaterra, logo após a Revolução Industrial, surgindo como um evento laico, profano, sem relação com os deuses. Surge como um evento secular. Porém, podemos notar que no esporte moderno há uma alternância entre períodos em que aspectos secularizados predominam, e períodos onde há predomínio de aspectos sacralizados. Segundo Helal(1990):

“A profanação de símbolos e de áreas sagradas, como por exemplo, a utilização comercial de uniformes das equipes e dos campos dos estádios esportivos, a busca incessante pela quantificação, a crescente informatização e a racionalização nas estratégias e táticas dos jogos são fenômenos que contribuem para a descaracterização de elementos fundamentais à graça e à magia do esporte, desencadeando o espetáculo esportivo tanto para os atletas como para os torcedores. Mas por outro lado, o universo do esporte, tem também demonstrado que possui, em si mesmo, uma força que resiste a esse processo de desencantamento. Pois, apesar de tudo isso, o esporte continua sendo um domínio ainda capaz de fascinar, encantar, empolgar e atrair multidões ao seu redor”.(p. 58-9)

Após determinarmos as respectivas terminologias “esporte” e “jogo” se torna possível estabelecermos, resumidamente, a história do futebol brasileiro, enfatizando a sua chegada no Brasil, no final do século XIX, e os dias atuais, destacando a figura do “jogador de futebol”.

Para alguns estudiosos o futebol teve a sua primeira manifestação, ou seja, o seu primeiro contato com o território brasileiro por volta do ano de 1871, numa partida realizada no interior de São Paulo, mais especificamente na cidade de Itú, por pessoas ligadas a igreja. Porém, oficialmente, o futebol chega ao Brasil no final do século XIX, mais precisamente no ano de 1894. Charles Miller, brasileiro descendente de ingleses, retorna da Inglaterra, país onde viveu durante uma década, traz em sua bagagem duas bolas de couro, camisas, calções, chuteiras, um livro de regras e o interesse pelo novo esporte.

Miller procurou promover o futebol entre os ingleses que viviam em São Paulo. No início, o futebol foi difundido no meio industrial e aristocrático. De 1894 até as duas primeiras décadas deste século, tal esporte era altamente elitista, praticado apenas

por brancos pertencentes a classes sociais privilegiadas, descendentes da aristocrática colônia inglesa no Brasil. Para Filho citado por Nunes (1997):

“ O foot-ball, importado, Made in Inland, tinha de ser traduzido. E, enquanto não se traduzisse, se abrisse, quem gostava dele precisava familiarizar-se com os nomes ingleses. De jogadores, de tudo. Em campo um jogador que se prezasse tinha de falar em inglês. Ou melhor: gritar em inglês”. (p.11)

Contudo, ao desembarcar no Brasil, o futebol se depara com a prática de regatas, trazida pelos alemães, que reunia um satisfatório número de praticantes. De acordo com Caldas (1990), aos poucos o futebol foi conquistando o seu espaço, ao surgir como uma atividade mais acessível do que o remo, pois era muito mais simples possuir uma “bola” e achar um terreno plano ao invés de possuir uma embarcação e uma lagoa disponível. Porém, a atual popularização do futebol não se explica apenas pelo fato do mesmo possuir regras de fácil compreensão ou de possuir equipamentos de fácil acesso e baixos custos, mas pelo fato de suas características serem combinadas com as características sócio-culturais do brasileiro.

Na abordagem de Daolio (1998):“*O futebol seria, ao mesmo tempo, um modelo da sociedade brasileira e um exemplo para ela se apresentar. Em outras palavras, o futebol constituir-se-ia, por um lado, numa imagem da sociedade brasileira e, por outro, num exemplo que daria a ela um modelo para se expressar*”. (p.4)

O futebol, desde o início, espelhava valores sociais e culturais vigentes na época. O racismo e as características aristocráticas, hierárquicas e machistas se faziam presentes. A capacidade de “arrastar” espectadores já podia ser observada, afinal os torcedores pertencentes a elite da sociedade, de determinados clubes, acompanhavam todas partidas.

O fato do futebol ser praticado exclusivamente por imigrantes no início do século XX não deve causar estranheza, uma vez que no século XIX, a prática esportiva era hábito comum as colônias de imigrantes. Os clubes esportivos, essencialmente caracterizados pelas regatas, eram privilégios de estrangeiros ou descendentes. Apesar dos esforços de Rui Barbosa, no ano de 1882, em implantar a prática esportiva nas escolas primárias, não foi possível alterar a característica predominantemente elitista.

O futebol, ao desembarcar no Brasil, era praticado por indivíduos do sexo masculino, a de se destacar, pertencentes ao alto escalão da sociedade aristocrática

inglesa. Era uma prática comum aos intelectuais da época. Inicialmente se difundiu nos dois principais centros econômicos brasileiros: o estado de São Paulo, caracterizado pela riqueza proporcionada pelo apogeu do café e, o estado do Rio de Janeiro, então capital da República. Essa difusão não foi ao acaso, afinal nestes dois centros nacionais se concentrava a maior parte dos imigrantes.

O esporte e o futebol ao estarem diretamente relacionados à Revolução Industrial na Inglaterra, ao desembarcarem no Brasil, inegavelmente, se difundiram nos principais centros urbanos, caracterizados pela inicial industrialização. Nas duas primeiras décadas do século XX o futebol tinha características amadoras. Os jogadores de futebol não eram remunerados, aliás a recompensa financeira em troca da prática esportiva significaria uma redução do "glamour". Afinal, os "jogadores" pertenciam a famílias tradicionais e ocupavam postos técnicos importantes na indústrias, tendo desta maneira um grande poder aquisitivo e conhecimento intelectual.

Devemos ressaltar que a prática de futebol no interior de São Paulo possibilitava a existência das tradicionais "peladas", onde num contexto rural a prática esportiva era menos elitizada.

Segundo Caldas (1990), pode-se afirmar que o processo de popularização do futebol se iniciou no ano de 1904 com o surgimento do The Bangu Athletic Club, onde operários do suburbio do Rio de Janeiro tiveram a oportunidade de praticar futebol, uma vez que o número de "técnicos" era insuficiente para se completar dois times de futebol.

A Igreja não exerceu nenhuma resistência sobre o futebol, apesar do mesmo ser um evento predominantemente marcado por aspectos seculares. Sabemos porém, que o universo do futebol mantém com o domínio do sagrado uma íntima relação. Segundo Helal (1990, p.39): *"O potencial do futebol de se tornar um evento com características semelhantes a uma cerimônia sagrada já se fazia presente nas manifestações de louvor e na veneração que alguns torcedores faziam e demonstravam a certos jogadores"*.

No final da segunda década do século XX, o interesse político sobre o futebol era evidente. Presidentes da república interferiam, ou tentavam, em partidas realizadas entre seleções paulistas e cariocas e na escalação da seleção nacional. As construções de estádios de futebol destacam o crescimento de tal esporte. Os meios de comunicação da época passaram a incluir o futebol em suas programações (especialmente o jornalismo impresso).

O futebol manteve suas características elitistas e racistas até a inserção de um jogador negro pelo clube pertencente a colônia portuguesa no Rio de Janeiro: o Vasco da Gama. A presença de jogadores negros ou mestiços no início do século XX nos proporcionou a expressão “macaquitos” atribuída a jogadores brasileiros pelos países vizinhos, Argentina e Uruguai.

As disputas, dentro e fora de campo, entre cariocas e paulistas descreviam a prática de futebol. Para Caldas (1990), os paulistas possuíam melhores jogadores e um melhor nível técnico quando se comparados aos cariocas. Porém os últimos exerciam maior influência política na organização de partidas e eventos ligados ao futebol. Não raras as vezes os jogadores paulistas boicotavam a convocação para representarem a seleção nacional em competições e amistosos internacionais

Com o passar do tempo os dirigentes de clubes perceberam a possibilidade de arrecadar fundos através da venda de ingressos aos torcedores, para terem o direito de assistirem as partidas de futebol. Por sua vez, os torcedores cobravam um melhor nível técnico das equipes, colocando em risco o amadorismo do futebol.

O ingresso de jogadores pertencentes a camadas sociais não privilegiadas, a profissionalização do futebol nos países europeus e latinos, o pagamento de “bichos” aos jogadores pelos clubes brasileiros, demonstravam um inevitável processo de profissionalização do futebol brasileiro.

Excursões à Europa realizadas por clubes paulistas mostravam ao mundo a qualidade dos jogadores brasileiros. A transferência para clubes da Itália, Inglaterra, Portugal e Espanha, proporcionava ao jogador brasileiro melhores condições financeiras, afinal no Brasil o clube não era obrigado a remunerar seus jogadores. Devemos destacar que os clubes de futebol pró-amadorismo não cogitavam a hipótese de remunerar seus atletas.

O amadorismo era mantido através de exigências inimagináveis nos dias atuais. Caldas (1990) salienta que os jogadores eram obrigados a preencher a sua própria inscrição antes das partidas, com o objetivo de cobrar o mínimo de conhecimento intelectual do atleta, caso fosse analfabeto não poderia participar das competições; a necessidade de desempenhar uma profissão, na qual fosse devidamente remunerado, deveria ser comprovada via apresentação de documentos.

O profissionalismo, no final da terceira década do século XX, foi inevitável. A transferência de jogadores brasileiros a clubes estrangeiros, ocasionam grande

prejuízos aos clubes nacionais. Devemos destacar que até os dias atuais, de acordo com a FIFA o Brasil é o país que mais exporta jogadores de futebol.

Os jogadores de futebol, ao não possuírem nenhum contrato oficialmente estabelecido com o clube, tinha grande autonomia em trocar de clubes. Há exemplos de jogadores que num final de semana representava o clube A numa partida contra o clube B, e no final de semana seguinte representava o clube B contra o clube A.

Com a sua profissionalização em 1933, os dirigentes dos clubes buscaram dificultar esta evasão de jogadores, estabelecendo contratos que prendessem o jogador ao clube por um período mínimo de três anos.

Contudo, paralelamente o futebol passa a ser praticado e assistido pelas massas, começando a se sacralizar. Frases como "os monstros sagrados do futebol" e os "deuses do futebol", passam a ser vinculadas com grande facilidade.

O jornalista esportivo assume a grande responsabilidade de apresentar ao público, exigente e conhecedor, informações relacionadas ao futebol. O jornalista esportivo, embarcado na fama e na glória que o futebol é conhecido nacionalmente. Locutores esportivos da televisão são reconhecidos pelo grande público. Vozes de narradores esportivos, elucidando uma partida de futebol pelo rádio, caricaturas de jogadores em jornais, colunas e impressas, retrando o futebol são "potes de ouro" ao final do arco-íris.

Recentemente percebemos uma nova secularização do futebol. Segundo Helal (1990), a cena de uma partida de futebol, ritualística em sua essência, pois nos remete à vários aspectos religiosos (o estádio cheio, as canções das torcidas, as bandeiras, as faixas, a reverência aos ídolos, o 'mostrar a camisa para a torcida', etc.), vai se transformando em uma cena profana à medida em que o campo de jogo está cercado e placas publicitárias, os uniformes das equipes estampam os nomes de seus anunciantes, o horário do jogo foi modificado para acomodar os interesses da programação televisiva, e o jogador-herói, que fez o gol no finalzinho da partida, já está prestes a ser negociado para um clube estrangeiro ou, caso contrário, vai dobrar a sua proposta na hora da renovação de seu contrato.

Observamos uma sacralização do futebol com o intuito de obter lucro, pois uma final de Campeonato Brasileiro continua sendo um terreno propício para compreendermos a relação futebol-religião.

Agora o futebol passou a ser racionalizado, quantificado. Técnica, táticas, jogadores e partidas passaram a representar dados estatísticos. Através de

conhecimentos científicos o futebol é estudado e analisado com o objetivo de maximizar resultados e obter melhores rendimentos dos atletas. O jogador de futebol através das Leis Zico e Pelé, são considerados prestadores de serviços, com aquisição de direitos legais. A subordinação e exploração dos jogadores pelos clubes e dirigentes está chegando ao fim.

Em todo o mundo nomes como "Pelé", "Ronaldinho", "Zico", "Rivaldo" entre outros, são idolatrados. Em nosso país o futebol é praticado por grande parte da população. Sem muita dificuldade encontramos pessoas praticando este tradicional esporte, seja na rua, clube ou escola. Como nos jogos da Grécia antiga, os jogadores de futebol que se destacam são transformados em "heróis": "heróis de chuteira". A figura do jogador de futebol intelectual, branco e pertencente a elite da sociedade é substituída pela figura do jogador humilde, semi-alfabetizado e mestiço.

Não devemos negar que outros esportes como voleibol, basquetebol, tênis, natação, dentre outros, começam a se destacar em nosso país. Porém ao ligarmos a televisão, ao abrirmos um jornal ou revista percebemos que o futebol ainda apaixona os brasileiros. O Futebol gera lucro. Ser um ótimo jogador de futebol pode significar um salário mensal de aproximadamente quinze vezes o salário do presidente da República. Sem contar a fama.

Surge assim, a carreira de jogador de futebol. Uma carreira sonhada pela maioria das crianças brasileiras. Profissões como a de advogado e médico, cedem lugar para a "profissão de jogador de futebol". Porém tal carreira é breve, com vida útil de aproximadamente 15 anos.

Entramos na "era dos Ronaldinhos". Os clubes e dirigentes ao perceberem a lucratividade da descoberta de novos "talentos" no futebol submente adolescentes a treinamentos de "especialização precoce", com o intuito de formar novos craques. Para que nossos atletas de alto nível alcancem o patamar dos esportistas internacionais, a fase de treinamento se inicia cada vez mais cedo, além dos períodos serem gradativamente maiores. Para que se comece a treinar são exigidos das crianças ou adolescentes, além de um habilidade com o esporte, também aptidões físicas adequadas.

Neste ponto consiste o maior problema. O treinamento visando a especialização precoce, consiste em: treinamento sistemático e intensivo (pelo menos três vezes por semana); visa o rendimento máximo; competições constantes; supervaloriza a performance; é aplicado a crianças e adolescentes. A causa deste

treinamento precoce é o imediatismo de resultados buscados pelos pais, administradores e técnicos esportivos.

O futebol, mesmo sendo coletivo, torna-se individualista. A competitividade contida num ambiente de objetivos coletivos, proporciona ao jovem atleta mais um motivo para crises. Para que possa se destacar dentro desta modalidade esportiva é preciso que o adolescente, desde cedo, atinja elevado nível de força, resistência e coordenação possível .

Trajectoria Metodológica

Capítulo III

Caracterização da Pesquisa

Este estudo se caracterizou como uma pesquisa de natureza qualitativa que utilizou Histórias de Vida como procedimento de investigação, através da História Oral.

A previsibilidade e a estabilidade dos fenômenos humanos ancorados no positivismo da pesquisa quantitativa, foram questionadas pelas correntes de pesquisa que valorizam a complexidade e as contradições.

A pesquisa qualitativa, de modo geral, contrapõe-se ao modelo experimental. Os pesquisadores que valorizam a abordagem qualitativa utilizam o método clínico que procura descrever o homem num dado momento, em determinada cultura, e o método histórico-antropológico que procura captar os aspectos específicos dos acontecimentos e dados no contexto em que ocorrem.

Segundo Chizzotti (1995), um outro aspecto separa a pesquisa qualitativa da quantitativa:

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito o conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes uns significados e relações que os sujeitos concretos criam em suas ações. (p. 79)

A abordagem qualitativa em Educação Física é extremamente recente, tendo as primeiras aplicações a partir da década de 80. A educação física ao se caracterizar

inicialmente como uma área de conhecimento voltada a assuntos higienistas e com fortes influências biológicas, com o decorrer dos anos percebeu que questões psicológicas, sociais, culturais e antropológicas interferem na saúde e concepção de corpo do ser humano.

A pesquisa qualitativa se difere da quantitativa no que se refere a postura científica a ser adotada pelo pesquisador. Na investigação qualitativa a atitude do pesquisador-investigador deve permitir uma compreensão dos fatos revelados, sem a prejulgamentos. Segundo Chizzotti (1995):

Na pesquisa qualitativa, o pesquisador é um elemento fundamental, que deve assumir uma atitude aberta a todas manifestações que observa, libertando-se de preconceitos, predisposições e sem antecipar explicações nem conduzir-se pelas aparências imediatas, a fim de alcançar uma compreensão ampla dos fenômenos.

Histórias de Vida

Para Chizzotti (1995), a História de Vida torna-se um instrumento a favor da pesquisa, pois valoriza a obtenção de informações contidas na vida do sujeito e de várias pessoas. Nas palavras do autor, a História de Vida:

Pode ter a forma literária biográfica tradicional como memórias, crônicas ou relatos de homens ilustres que, por si mesmos ou por encomenda própria ou de terceiros, relatam os feitos vividos pela pessoa. As formas novas valorizam a oralidade, as vidas ocultas, o testemunho vivo das épocas ou períodos históricos (...) Pode ter a forma autobiográfica, onde o autor relata suas percepções pessoais, os sentimentos mais íntimos que marcaram a sua experiência ou os acontecimentos vividos no contexto de sua trajetória de vida. (p. 95-6)

Haguette (1992) afirma que a História de Vida pode desempenhar algumas funções , tais como:

- a) servir como referencial para avaliar idéias, pensamentos, teorias que abordam o problema, deixando claro que os resultados obtidos através da análise de vida do sujeito são específicos e não assumem um caráter generalizante;

- b) contribuir em áreas de pesquisas que tratam da história de vida apenas tangencialmente, podendo servir de base para que as suposições sejam feitas a partir da realidade, aproximando-as, assim, do ponto em que a verdade se encontra;
- c) fornecer insights relativos à subjetividade de vários estudos, no que se refere a processos institucionais, nos quais se considera a experiência individual;
- d) em função da riqueza de detalhes da história de vida, essa metodologia pode oferecer novas variáveis, novos questionamentos que podem levar a uma reorientação da área de estudo;
- e) dar sentido ao processo de investigação que requer um entendimento íntimo da vida dos sujeitos, dando condições para que as questões que envolvem o problema possam ser levantadas a partir de sua própria visão com as suas idéias, lembranças, seu mundo, seus constrangimentos e as pressões vividas.

História Oral

Nesse estudo as histórias de vida foram levantadas a partir da história oral, que representou um meio de obter as informações sobre o envolvimento dos adolescentes participantes e a temática abordada.

A História Oral de acordo com Haguette (1992), é uma técnica recente utilizada na produção de documentos históricos. Ao contrário de outros instrumentos de obtenção de dados utilizados nas ciências humanas, apresenta-se com maior complexidade para se definir com clareza e precisão. Para a autora é mais fácil descrever a história oral que defini-la. Por isso que:

“Em termos gerais, poder-se-ia dizer que tudo o que é oral gravado e preservado pode ser considerado história oral. Neste sentido, os discursos, as conversas telefônicas, as conferências ou qualquer outro tipo de comunicação humana que pode ser gravada, transcrita e preservada como fonte primária para uso da comunidade científica estaria dentro do rótulo da HO (...) Enfim a utilização da HO como técnica de coleta de dados é muito ampla”. (p. 92-3)

A utilização da história oral como forma de obter informações sobre o indivíduo é bastante ampla, mas deve-se considerar que ela está voltada, naquilo que é fundamental, para compreender aspectos sociais e não acumular evidências fragmentadas que não contribuem com dados já existentes (Haguette, 1992).

Grupo Investigado

O grupo investigado foi constituído por 5 adolescentes do sexo masculino, jogadores de futebol, atletas que atuam nas categorias infanto-juvenil e juvenil do Campinas Futebol Clube, com idades entre 16 à 18 anos.

A escolha do clube se deu devido ao fato de ter sido, no ano de 1998, Campeão Paulista com a equipe de Juniores. O Campinas Futebol Clube, apesar de ter sido fundado recentemente, no dia 1º de janeiro de 1998, pelos ex-jogadores de futebol "Careca" e "Edmar", estruturou uma equipe adulta que disputou, no mesmo ano, a 2ª Divisão de Futebol Profissional na série B1-B. Obteve um bom desempenho e passou a disputar o quadrangular final da competição.

As cidades do interior paulista, como Campinas e Ribeirão Preto, sempre exerceram influência no ambiente esportivo, essencialmente no futebol. Clubes da cidade de Campinas, como a Ponte Preta (um dos primeiros clubes brasileiros) e o Guarani (o primeiro clube a se beneficiar do direito ao acesso a principal divisão do campeonato nacional e componente do atual "Clube dos Treze"), tradicionalmente revelaram grandes jogadores de futebol. O Campinas Futebol Clube, fundado no final dos anos 90, investe na possibilidade de revelar novos jogadores, através de escolinhas de futebol do Careca Sport Center voltadas ao público infantil e adolescente.

A escolha dos participantes não foi aleatória dada a opção metodológica. Desta forma, foi utilizada uma listagem daqueles que poderiam contribuir com o estudo. As indicações do técnico da equipe do Campinas Futebol Clube foram necessárias para definirmos os participantes cujas contribuições fossem imprescindíveis. Por esse motivo, a seleção dos participantes foi intencional, buscando entrevistar cinco jogadores com melhor desempenho tático e técnico da equipe. Segundo Alberti (1989) "*em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou*

situações ligadas ao tema que o pesquisador pretende investigar e que podem fornecer depoimentos significativos.”(p. 14)

Intencionalmente o treinador do Campinas nos sugeriu como participantes da pesquisa três jogadores da categoria infanto-juvenil e dois da categoria juvenil. Dos participantes três atuam em posições relacionadas ao ataque da equipe, um na armação de jogadas e um como goleiro.

Instrumentação

Os dados deste estudo foram obtidos utilizando-se a entrevista semi-estruturada do tipo biográfica (ver em Anexos 2). Este tipo de entrevista representou também a história de vida de cada adolescente, pois as questões foram orientadas de acordo com a sua trajetória histórica e o futebol: o corpo infantil, o corpo antes da prática sistemática de futebol e o corpo após a prática sistemática de futebol. A entrevista biográfica nos permitiu traçar um perfil de cada participante, oferecendo recursos para compreender a realidade que envolve o corpo do adolescente e a vivência da prática sistemática do futebol.

Para a realização das entrevistas utilizamos um gravador, devido a técnica história oral, com o intuito de obter o discurso dos adolescentes como registro histórico original, e também para que, na análise dos discursos, todas as informações fossem extraídas na íntegra.

A entrevista foi estruturada com o seguinte roteiro: primeiramente, apresentação dos dados pessoais (idade, grau de escolaridade, ano em que começou a praticar, sistematicamente futebol, ano de ingresso no atual clube, posição na qual atua e posição na qual gostaria de atuar); em seguida foi iniciada a parte específica de estudo, buscando as vivências na trajetória de vida dos adolescentes, a partir da infância, antes da prática sistemática de futebol e após a prática sistemática de futebol.

Coleta dos Dados

Com o intuito de concretizar os objetivos deste estudo, as informações foram obtidas através de entrevistas com o grupo investigado.

As entrevistas foram realizadas seguindo uma a ordem de contatos preliminares, estabelecidos pelo próprio entrevistador (pesquisador) através de um

contato prévio com um dos treinadores das categorias infanto-juvenil e juvenil do Campinas Futebol Clube, seguido do contato pessoal com os participantes por intermédio do coordenador de futebol do Careca Sport Center.

O entrevistador passou a frequentar o clube por um período de três meses visando conhecer o “mundo real” de cada participante. As entrevistas foram gravadas nos dias de treino dos participantes, no horário das 16:30 horas, logo após o término do treinamento. As entrevistas foram gravadas individualmente. Cada participante relatou em dias diferentes. Segundo Haguette (1992), “*os contatos individuais são mais valiosos que o contato formal através da instituição*” (p.98).

Nos contatos estabelecidos, os sujeitos que participaram do estudo, demonstraram disponibilidade para contribuir com a proposta da pesquisa. Vale ressaltar que o entrevistador, em princípio, não conhecia nenhum dos participantes, no entanto, eles o receberam com interesse. Para Haguette (1992) , “*na maioria das vezes os entrevistados demonstram grande disponibilidade, espírito cooperativo e orgulho em contribuir de alguma forma para a história*” (p.98).

As entrevistas foram realizadas no quiosque do Careca Sport Center, próximo aos campos onde os participantes treinavam. A escolha do quiosque como local das gravações das entrevistas foi indicação e preferência dos jogadores, além de ser arejado e informal. Devemos destacar que o Careca Sport Center está localizado numa região socialmente favorecida de Campinas, próxima a grandes centros industriais e tecnológicos, à margem de duas grandes rodovias de acesso ao interior paulista.

Antes de iniciar, propriamente, a entrevista, foi esclarecida a proposta da pesquisa para cada participante. Por se tratar de assuntos relacionados a vida pessoal de cada sujeito, desde a infância até a prática sistemática de futebol, o revivenciar acontecimentos e experiências podiam gerar empolgação.

Não houve duração estabelecida para a gravação da entrevista. Os discursos foram coletados e gravados em 1 (uma) fita magnética (K7) para maior garantia e precisão das descrições.

Tratamento dos dados

Nesta fase do estudo, a história oral de cada participante passou por três etapas antes da elaboração da sua história de vida.

A primeira etapa denominada registro geral, que significou a transcrição literal da história oral. A segunda foi o registro cronológico, que se caracterizou pela ordenação das informações obtidas de acordo com as sucessivas etapas da vida dos adolescentes – a infância e o enfoque antes e após a prática sistemática de futebol. O registro temático foi a terceira e última etapa, constituindo-se pelo agrupamento das informações em grandes capítulos, cronologicamente descontínuos. O registro temático foi caracterizado pela discussão das categorias temáticas individuais apresentadas no quadro temático.

Assim, como no estudo de Costa (1999), seguimos os seus passos no tratamento dos dados. Concluída a transcrição das entrevistas, enviamos aos participantes uma cópia impressa das mesmas para que eles pudessem analisar e autorizar o conteúdo da história oral em nosso estudo.

Ao encerrarmos todo o procedimento de registro de informações foi iniciada a análise interpretativa da história oral dos participantes, através de um processo interpretativo chamado de interacionalismo simbólico. A utilização do interacionalismo simbólico neste estudo de natureza qualitativa permitiu que a pesquisa cumprisse o objetivo de apresentar o sentido social construído pelos indivíduos em sua interações cotidianas (Chizzotti, 1991)

Baseado novamente no estudo de Costa (1999), no momento da interpretação dos dados assumimos os seguintes passos, apresentados em ordem de procedimento:

1. retiramos do registro original (transcrição literária) da história oral, as unidades mais relevantes, mais significativas para o nosso objeto de investigação. A partir do nosso olhar, observamos elementos que teriam sentido para o estudo. Utilizamos um marca-texto para destacar as unidades;

2. sintetizamos as unidades, sem interpretações, considerando o significado dos acontecimentos na vida do corpo adolescente, da vivência sistemática de futebol.
3. separamos as unidades mais significantes em categorias temáticas, a serem apresentadas no 'Quadro Temático'. Observamos a frequência dos temas para que eles fossem retirados e classificados em categorias adequadas;
4. analisamos e discutimos as categorias temáticas a partir das relações entre participantes do estudo, pesquisador e referencial teórico. Esta interação representa o olhar do interacionalismo simbólico sobre as relações humanas;
5. Buscamos responder nas "Considerações Finais", às seguintes questões: "Qual o olhar do adolescente para si mesmo antes da vivência com a prática sistemática de futebol? O que influenciou os adolescentes na busca da prática sistemática de futebol? Qual o significado do futebol na vida do adolescente? Como, hoje, o adolescente percebe o seu próprio corpo?"

Análise e Discussão dos Resultados

Capítulo IV

Análise Cronológica

Nesta seção apresenta-se as trajetórias individuais dos participantes numa síntese histórica desde a infância até o alcançar da posição de jogador de futebol das categorias infanto-juvenil e juvenil do Campinas Futebol Clube.

Participante 1

No período de infância gostava de brincar de “jogar bola” com os amigos na rua e de “esconde-esconde”. Aos 9 anos de idade frequentava uma escolinha de futebol localizada no Cambuí – Campinas – SP. Jogar “bola” era a sua atividade preferida, devido a influência do pai e do irmão, haja visto que os últimos também gostavam de futebol. Costumava brincar num campo próximo da sua casa. Lá podia brincar com os colegas, como soltar “pipa”.

Na escola, além de estudar, realizava atividades corporais apenas nas aulas de educação física. Nestas aulas gostava apenas de jogar futebol. Caso a aula abordasse outras modalidades esportivas não participava. Não gostava de sair com os amigos, gostava mais de ficar em casa.

Antes de praticar sistematicamente futebol em clubes apenas estudava e jogava futebol na rua. Durante as férias viajava para o sítio da família. Lá podia pescar, caçar, ficar perto de seus avós e seu irmão. A melhor lembrança que destacou é do tempo que não jogava futebol em clube, pois antes podia ficar e brincar bastante com os amigos. O condomínio de apartamentos, onde morava, possibilitou brincadeiras com muitos meninos, tipo jogo de “botão”. Mas, todos cresceram, e agora não tem como brincar.

Começou a praticar sistematicamente futebol em 1998, no Campinas Futebol Clube, antes disso participou de alguns treinos na Ponte Preta, mas não chegou a atuar em nenhuma competição. Joga na posição de centro-avante e está satisfeito nela. No clube, sua única atividade é o futebol. Considera que as atividades

desenvolvidas no futebol proporcionam bem estar físico devido ao treino e, também bem estar mental, pois começou a valorizar mais o que tem.

Recordou a experiência de alojamento no Campinas, em 1999, com vários jogadores de outras cidades. Todos longe de suas casas, sem ver as mães. Tudo isso para atingir um futuro melhor para eles e para família. Como mora em Campinas ficou mais fácil a vivência no alojamento.

Considera que seu corpo de jogador de futebol está apto para a prática esportiva, mas não está perfeito para jogar uma partida inteira de futebol da primeira divisão adulta. Mas ressalta que para a sua idade está condizente. Na sua opinião, as pessoas lhe veem durante uma partida de futebol com um corpo normal. Igual a um corpo de um adolescente de 17 anos, de um atleta.

Não sabe muito bem o que as outras pessoas pensam do seu corpo. Em relação ao próprio corpo, está satisfeito, pois não tem nenhuma barriguinha. O que mais o motiva a jogar futebol é o fato de realmente gostar. Pretende seguir a carreira de jogador de futebol, ser muito feliz e ganhar muito dinheiro, até porque atualmente está difícil aquisição de emprego. No futebol, se a pessoa tiver muita sorte e souber jogar, é possível alcançar sucesso na carreira.

Participante 2

Na infância a sua principal brincadeira era jogar futebol, somente futebol, porque lhe dava prazer. Gostava de brincar num clube próximo de casa pela possibilidade de jogar futebol com outras pessoas. Costumava brincar com os primos e com os colegas da escola. Quando criança jogava futebol de salão nas aulas de Educação Física. Quando estas aulas eram de voleibol ou basquetebol não participava.

Antes de praticar sistematicamente futebol, jogava futebol com os meninos. Não saía muito com os amigos. Frequentava a chácara da sua tia, lá havia um gramado no qual podia jogar futebol com os seus primos e com seus tios, e também jogar tênis de mesa. Durante as férias ia à piscina, e corria em volta da Lagoa do Taquaral e no Bosque dos Jequitibas –Campinas/SP-, para obter um condicionamento físico, já que estavam fazendo atividade física. Atualmente sente falta dos amigos. Teve que deixar de encontrá-los devido a busca da profissionalização, que exige mais dedicação.

A prática sistemática do futebol começou aos 14 anos de idade, na Ponte Preta. Antes disso, jogava numa escolinha perto de casa, chamada Craques do Futuro. Nesta disputou alguns jogos amistosos. Na Ponte Preta disputou o campeonato Paulista e chegou a alcançar o terceiro lugar na classificação geral.

Aos 15 anos ingressou no Campinas Futebol Clube, em 1998. Está satisfeito com a sua posição de meio-campo. As atividades desenvolvidas no clube contribuem para o seu bem estar físico, social e mental. Com o futebol aprendeu a como ter disciplina dentro de campo e união .

Na condição de jogador de futebol acredita que necessita desenvolver um pouco mais a região torácica do próprio corpo, pois segundo o preparador físico ele se restringe a membros inferiores. Sendo assim necessita de musculação.

Durante uma partida de futebol considera que as pessoas veem de forma satisfatória o seu corpo. Nunca ouviu reclamação. Sente-se bem em relação ao corpo, gosta dele. Por ser leve é possível correr bastante e dar trabalho aos zagueiros da equipe adversária.

O que mais o motiva a jogar futebol é o prazer do gol e o fato de amar o futebol.

Participante 3

Na infância gostava de brincadeiras como esconde-esconde, pega-pega e futebol. De um modo geral, as brincadeiras que podia mover-se e correr. Brincava na escola ou na rua. O jogo de futebol foi a sua brincadeira preferida. A influência paterna foi determinante. Seu pai foi jogador de futebol pela categoria de base do Guarani, na posição de atacante. Na escola jogava futebol e voleibol nas aulas de Educação Física. Quem joga na posição de goleiro gosta de saltar, por isso, jogava bem voleibol.

Antes de praticar sistematicamente futebol, se reunia com os colegas na rua, onde podia brincar e correr. Brincava numa grande pracinha. Nela podia brincar de esconde-esconde. Gostava também de jogar bola. Tinha bastante amigos e os têm até hoje. Julga que o fato de praticar futebol sistematicamente atrapalha o relacionamento com os amigos, pois antes podia ficar jogando bola à tarde. Alguns amigos, hoje, estudam e outros trabalham.

Nos finais de semana, atualmente, não pode sair devido aos jogos. Gostava de comprar pizzas ou lanches e ir comer na garagem de algum amigo. Durante as férias

jogava bola, viajava para a praia (São Sebastião –SP) e para a chácara da avó. Antes não tinha muita responsabilidade, era livre, podia sair a qualquer hora do dia, podia programar as saídas ao shopping e ao cinema.

A prática sistemática do futebol foi iniciada em 1998 no Campinas Futebol Clube. Antes disso jogou numa escolinha, próxima de casa, durante seis meses. Joga na posição de goleiro e está satisfeito. Esta posição surgiu por não jogar muito bem com os pés e para continuar jogando futebol se tornou goleiro, apesar do pai não gostar. Por atuar nesta posição é bastante cobrado.

Em determinado campeonato houve um problema, pois a equipe estava sem treinador de goleiros, daí o jogador que estivesse numa boa fase jogava como titular. Como ele não estava numa boa fase, num determinado jogo de semifinal cometeu algumas falhas que resultaram em gols para a equipe adversária. Perdeu então, a posição titular.

No clube pôde adquirir disciplina, aprender a cumprir horários e suportar cobranças transferindo esses conceitos para a vida cotidiana. Na equipe todos são amigos. As cobranças sobre goleiros são normais, porém elas não devem abalar a concentração.

Na posição de jogador de futebol observa o seu corpo mais definido após fazer exercícios que o condicionam. Durante uma partida de futebol, acredita que as pessoas o observam como um goleiro alto e magro. Em relação ao corpo sente-se bem e com saúde, mas gostaria de ser mais forte, mais por ser goleiro, é magro.

O que mais o motiva a jogar futebol é a fama, dinheiro e o fato de gostar de futebol. O goleiro numa situação de pênalti pode ser considerado herói, como Taffarel na Copa do Mundo de 1994.

Participante 4

No período de infância gostava de jogar bola. Pertence a uma família de condição sócio-econômica humilde, não teve oportunidade de frequentar uma escolinha de futebol. Gostava da brincadeira “cair-no-poço” com as meninas, pois era “sapeco” desde criança. Mas, o que mais gostava de fazer era jogar bola e estudar. Estudar sempre foi o seu principal objetivo. Desde criança se dedicava em primeiramente à escola e, depois ao futebol.

Tinha vários amigos, mas muitos invejosos. Achava que os amigos queriam ajudá-lo, porém, na realidade, queriam prejudicá-lo. Gostava de brincar mais com os amigos homens do que com as mulheres. Os amigos eram as pessoas da rua onde morava e vizinhos. Na escola jogava handebol e basquetebol nas aulas de educação física. Se destacava devido a altura.

Antes de praticar sistematicamente futebol gostava de correr, ir ao shopping, salas de jogos e ao cinema. Nestes lugares podia se divertir e se iludir. Para ele, alguns jogos eram ilusões da vida. Saía bastante com os amigos mais velhos, e apesar de não ter idade suficiente, ia para danceterias e praças. O seu maior desejo sempre foi as mulheres, a busca de paquerá-las.

Durante as férias viajava para a fazenda da avó, localizada em Pereira Barreto-SP. Prefere morar na fazenda à cidade, porque a vida é mais calma. Sempre gostou de andar a cavalo, nadar nos rios e cachoeiras, comer frutas direto no pomar, andar sujo e descalço. Na fazenda era possível fazer isto. Atualmente, ainda gosta de ir parará.

Ressalta que antigamente podia fazer bagunça, não precisava preocupar-se com o corpo, mas agora sabe que se passar uma noite sem dormir não irá sentir-se bem no outro dia. Hoje, as responsabilidades são muitas, com relação ao futebol.

Começou a praticar sistematicamente futebol em 1997, no time da Ponte Preta. Neste participou da Copa Nike . Em 1999 fez um teste no Campinas Futebol Clube sendo aprovado. Atua na posição de atacante, porém sempre sonhou em jogar como zagueiro, devido a sua estatura. As atividades desenvolvidas no clube contribuem para o seu bem estar físico , social e mental, porque quando sai do treino já pensa no próximo e no jogo. O que o treinador fala está relacionado com sua vida e não somente em termos de futebol. O treinador aconselha, orienta o que deve ou não ser feito. Gosta de ouvi-lo, pois alguns treinadores somente executam os treinos sem explicações. Os treinadores do Campinas são compreensivos.

Na condição de jogador de futebol não se considera completamente preparado, tem que aprender muito na vida. Está se dedicando para posteriormente desfrutar dos resultados obtidos. Suas condições ainda não são as melhores. Está aprendendo também, com o apoio e incentivo do treinador.

Em um dos campeonatos a equipe ficou na terceira colocação e foi o segundo melhor artilheiro da equipe. Reconhece a cobrança de outras pessoas, durante uma partida de futebol, porém há também incentivo porque todos sabem de sua capacidade

de agir. O corpo não pronto totalmente, está quase definido. Seu corpo é quase igual ao de um jogador profissional. O próprio corpo revela que será um jogador profissional.

O que mais o motiva a jogar futebol é o incentivo do treinador. Quando começou a jogar no Campinas houve grande incentivo dos treinadores, caso contrário não estaria mais jogando. Passou para a categoria juvenil e teve oportunidade de continuar. Os jogadores na televisão, os gols bonitos, os jogos televisionados faziam vibrar e arrepiar. Eles o chamavam, desde pequeno, para ser jogador de futebol.

Participante 5

Na infância gostava de jogar futebol, bolinha de gude e voleibol. Aos 5 anos de idade começou a jogar futebol numa escolinha chamada Craques do Futuro localizada na cidade de Campinas-SP. Nela disputava campeonatos internos. Jogar futebol era sua brincadeira preferida. Considera que ela já está no seu sangue. Gostava de brincar na rua da sua casa porque lá podia encontrar os amigos e primos. A partir do terceiro ano do ensino fundamental, começou a fazer educação física na escola. No início, nesta disciplina não só brincava de queimada. A partir da quarta e da quinta séries foi que os professores começaram a ensinar voleibol, basquetebol, handebol e futebol. Na quinta série começou a praticar esporte, antes era só brincadeira. Gostava da educação física escolar.

Antes de praticar sistematicamente futebol gostava de correr em torno da Lagoa do Taquaral e fazer musculação (vivenciada por 2 meses). Atualmente, pela posição que joga, não pode fazer muita musculação, pois pode ficar lento e perder velocidade. O pai pressionava para que ele fizesse atividade física, devido a facilidade que tem para ganhar peso corporal. Não ia ao cinema nem ao shopping, não porque não gostasse mas sim porque não era possível. Gostava de sair com os amigos para jogar futebol e ir à festas em casas de amigos com os familiares. Não ia a danceterias. Durante as férias viajava para a fazenda dos tios, no interior de São Paulo, onde havia cavalos, rios para nadar e podia jogar bola.

Atualmente, destaca a necessidade de se preocupar com a sua alimentação para não aumentar o peso e apesar, de nunca ter ingerido bebidas alcoólicas, não pode ingeri-las. Não consome refrigerante, pois não combinam com atletas. Nos finais de semana não pode sair devido aos jogos.

Começou a praticar futebol sistematicamente em 1998 no Campinas Futebol Clube. Anteriormente participou de testes na Ponte Preta - treinou 2 meses - e no Guarani – treinou 1 mês. Não participou de nenhuma competição em ambos os clubes. Foi dispensado posteriormente.

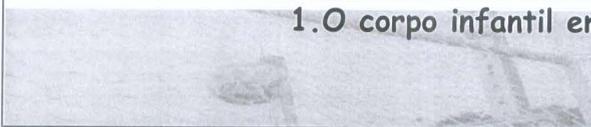
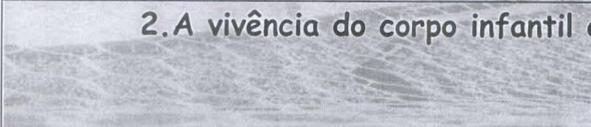
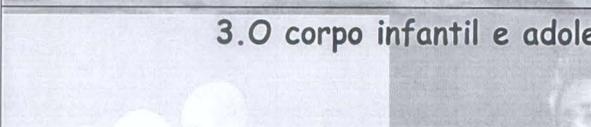
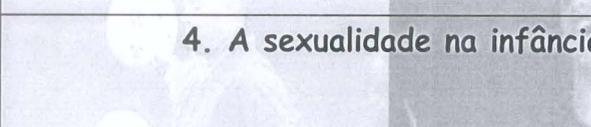
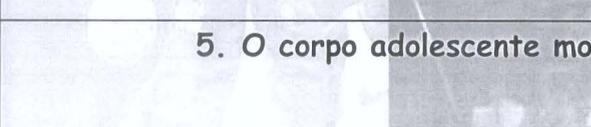
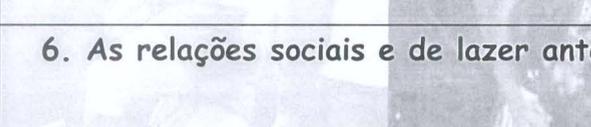
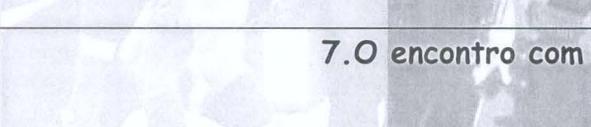
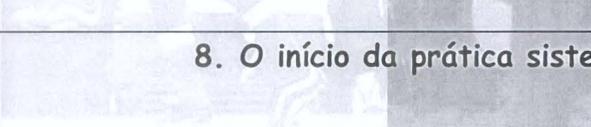
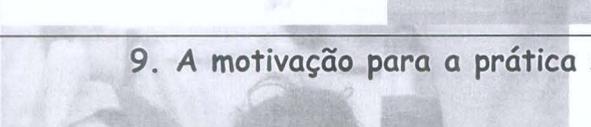
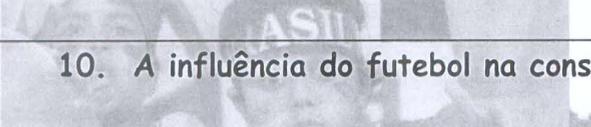
Atua na posição de centro-avante. Está satisfeito nesta. Acredita que as atividades que realiza relacionadas ao futebol contribuem para o seu bem estar físico, mental e social, uma vez que, ao praticar esporte ele fica longe de más companhias, não permanece na rua e não se envolve com drogas. O tempo passa e não percebe.

Na condição de jogador de futebol considera que o próprio corpo está condizente para a posição que atua. Está bem condicionado porque se cuida bastante. Procura manter-se em forma. Durante uma partida de futebol, principalmente quando jogava pela categoria juvenil, havia muita cobrança, porque ele começou jogando bem, mas ao contrair um resfriado foi colocado na reserva. Só entrava na partida faltando 10 (dez) minutos para o término da mesma, havia muita cobrança com isso. Sempre que havia seleção, no clube, para disputar campeonatos era convocado.

Considera que as pessoas o observam de forma satisfatória. Em relação ao corpo, atualmente sente-se bem. Antes estava gordo e, as pessoas cobravam. Mas agora se mantém no peso.

A motivação para jogar futebol é gostar. Considera o dinheiro e a fama como conseqüências do ingresso em grandes clubes de futebol.

Quadro temático

<u>Categorias Temáticas</u>	
	1.O corpo infantil em movimento
	2.A vivência do corpo infantil em diferentes espaços
	3.O corpo infantil e adolescente na escola
	4. A sexualidade na infância e na adolescência
	5. O corpo adolescente moldado pelo futebol
	6. As relações sociais e de lazer anteriores a prática sistemática de futebol
	7.O encontro com o futebol
	8. O início da prática sistemática de futebol
	9. A motivação para a prática sistemática de futebol
	10. A influência do futebol na construção da Imagem Corporal
	11 - As lembranças do corpo infantil

Análise Temática das Trajetórias Individuais

Nesta seção buscamos focalizar o adolescente, o futebol e a Imagem Corporal a partir das histórias de vida dos participantes. Nos embasamos no quadro temático, constituído a partir das trajetórias individuais estabelecidas.

A opção pelas categorias temáticas surgiu em função da observação da intersecção das histórias de vida dos participantes. Daí a dificuldade de fragmentar nossa discussão, mesmo existido algumas categorias que pertencem a uma única trajetória de vida.

A história de vida do **corpo infantil em movimento**, revelou que o período da infância dos participantes estava associado à atividades lúdicas caracterizadas por uma grande demanda de habilidades motoras. Brincadeiras como esconde-esconde, pega-pega, soltar pipa, cair-no-poço, bolinha-de-gude, voleibol, jogar bola, entre outras, foram vivenciadas. Porém, observamos que o brincar de “bola” já assumia uma posição de destaque dentre as demais brincadeiras.

O futebol, ao se caracterizar um importante produto cultural brasileiro, assim como o carnaval, foi herdado através das relações familiares e sociais, desta maneira é vivenciado desde a infância pelos participantes, convivendo no mesmo espaço que as demais brincadeiras tradicionalmente herdadas. A figura-heróica paterna, ao ser mimetizada pela criança, carrega consigo o futebol.

O futebol durante a infância não pode ser caracterizado como uma forma de jogo ou de esporte. É uma brincadeira. Contudo a definição de brincadeira se faz pertinente neste momento. Para Helal (1990) brincadeira seria:

“qualquer atividade espontânea, voluntária, sem regras fixas, que proporciona prazer e diversão e que não tem a finalidade ou sentido além ou for a de si. Ou seja, é uma atividade que se esgota em si mesma, não havendo preocupação com resultados ou com recompensas extrínsecas àquela atividade, como por exemplo, fama e dinheiro. Em suma: a brincadeira é a mais lúdica das atividades”.
(p.24)

Todos os participantes elegeram o “jogar bola” como brincadeira preferida durante a infância. O participante 1 reforça: “Jogava bola. Bastante bola com os meus amigos, quando eu era pequeno”. A preferência pelo “brincar” de futebol explícita no

discurso do participante 2 destaca: *“Jogava bola, porque dava prazer, porque eu gostava mesmo. Gostava...gosto até hoje”*.

Neste momento, a questão do esporte, ele está presente no “Mundo Fantasia” elaborado na infância dos jovens jogadores de futebol. A confusão dos termos esporte, jogo e brincadeira foi comum nos discursos elaborados a partir do senso comum. Porém, devemos ressaltar que o esporte ao se caracterizar como um produto absorvido e produzido culturalmente, no período da infância foi encarado de forma lúdica pelos participantes.

Neste contexto a confusão no uso das terminologias “esporte” e “brincadeira” é pertinente e compreensiva. O participante 5 revela que: *“Tudo o que era esporte eu sempre gostei, desde pequeno. Jogava voleibol, devido a altura. Brincava de esconde-esconde, natural”*. O esporte, na sua forma lúdica, conviveu com as brincadeiras, como esconde-esconde, no mundo do corpo infantil. A popularidade alcançada pelo futebol possibilita, através da divulgação nos meios de comunicação de massa – televisão, rádio e jornais impressos – ou mesmo a partir de influências familiares, que ele seja praticado, principalmente nos centros urbanos, desde a infância, na forma de brincadeira, possibilitando ao participantes-crianças não fantasiarem somente serem “Super-Homens”, engenheiros, entre outros. O “Mundo Real” estabelecido pelo esporte futebol interferiu no “Mundo Fantasia” dos participantes. O corpo-infantil vivenciou no brincar de futebol sua motricidade, por meio da motricidade exigida pelo “brincar de futebol”.

Por outro lado, devemos destacar que o processo de urbanização, imposto pela Revolução Industrial na Inglaterra, alterou profundamente a cultura corporal dos participantes. As brincadeiras caracterizadas pela exploração de um vasto espaço físico, foram alteradas, em decorrência da violência, criminalidade ou mesmo pela escassez de espaços. Desta forma, elas obtiveram locais apropriados e específicos para acontecerem. Os *Playgrounds*, clubes e escolas surgiram e são possibilidades para se vivenciar o corpo. Ao delimitarmos um espaço físico para o “brincar”, transformamos uma prática esportiva em um evento lúdico. O limite estabelecido pelo espaço físico proporciona ao corpo infantil a possibilidade de descobrir seus próprios limites.

A vivência corpo infantil em diferentes espaços, devido a possibilidade de encontrar os amigos, e de brincar de futebol. Nesta categoria, fundamentados nos discursos coletados, podemos destacar a importância do jogo, do esporte ou da

brincadeira no processo de socialização do ser humano e de construção da imagem corporal. O convívio social foi estabelecido através do “jogar bola”. O futebol, no período da infância, proporcionou ao participante a possibilidade de vivenciar outras relações sociais, não exclusivamente as familiares. Com isso o “*corpo-eu*” conviveu com o “*corpo-outro*”, que necessariamente não se reportou apenas as figuras da família. Neste momento devemos, ressaltar que para Silder a construção da imagem corporal ocorre alicerçada em três estruturas: fisiológica, psicodinâmica e sociológica. Desta maneira, os participantes fundamentados na sua motricidade e nas relações sociais desenvolveram a estrutura *psicodinâmica*, ao estabelecerem novas experiências emocionais e afetivas, e a estrutura *sociológica*, ao estabelecerem intercâmbios pessoais aprenderam valores sociais e culturais que foram anexados a suas imagens corporais.

O contato com as “regras” para se jogar futebol, possibilitou a compreensão de valores sociais. As regras deixaram de ser estabelecidas exclusivamente pelos pais e familiares, e foram compartilhadas com o outro. O corpo-eu teve a possibilidade de ser vivenciado a partir do futebol e, ao mesmo tempo, aprendeu a perceber o espaço pertencente ao “*corpo-outro*”. Vejamos então o discurso do Participante 1 ele gostava de brincar *“Num campinho perto de casa...para jogar bola com os meus colegas. Soltar pipa. Tudo o que uma criança faz”*. A interação das relações sociais (afetivas) com a ludicidade das brincadeiras e a escolha do local preferido para se brincar fica evidente no discurso acima mencionado. Destaca-se que as fantasias infantis se interagiram coletivamente, constituindo um “*mundo real*”. Dois dos relatos fortalecem ainda mais a relação do espaço preferido para se brincar com o convívio social, ao destacar, respectivamente, o clube e a rua próximos de onde moravam: *“Porque lá tinha um pessoal que fazia pelada. Bastante gente. Dava para fazer uns três times lá...”*(Participante 2). O Participante 5 completa: *“Porque tinha os amigos, a molecada lá, é por isso ...”*.

Desta maneira, a inserção do participante ao primeiro grupo social se tornou evidente. Contudo, Anzieu (1993), ancorado na psicanálise, citado por Rubio (1998), nos atenta para a definição do termo *grupo*. Para ele *grupo* é como:

“envelope que faz indivíduos ficarem juntos. Enquanto esse envelope não estiver constituído ele pode ser considerado um agregado humano, não há grupo. Um envelope vivo, como a pele que se regenera no corpo, é uma membrana de dois lados. Um está voltado

para a realidade exterior, física e social, notadamente para outros grupos, semelhantes ou diferentes. O outro está voltado para a realidade interior dos membros do grupo, ou seja, o movimento das projeções que os indivíduos fazem sobre ele de suas fantasias". (p. 08)

A liberdade de movimento e a exploração das habilidades motoras presentes nas brincadeiras, determinaram a escolha de espaços amplos, onde várias pessoas pudessem ter acesso. O ato de ser livre, de explorar o movimento e o espaço físico deveriam ser vivenciados na rua, na praça, no clube, no campo ou na escola. Com a urbanização a utilização de espaços coletivos para a vivência corporal se tornaram inevitável.

O corpo-infantil se mostrou, a partir das relações sociais, dependente das relações familiares. A figura do pai na infância, demonstrou que a inicial relação de dependência estabelecida, exclusivamente, com a figura materna, no início da infância, foi dividida com a figura paterna. O ambiente familiar induzia a escolha do espaço físico a ser vivenciado e o grupo social a ser estabelecido. As crianças da vizinhança, da escola e familiares constituíam o convívio social dos participantes. Familiares e amigos perfazem um mesmo ambiente social. Como destaca o Participante 2: *"Brincava com os meus primos, com o pessoal da escola também"*. Para o participante 4 *"...os meninos da minha rua..... Meus vizinhos" eram os companheiros nas brincadeiras da infância*".

Mas, para quem achava que os jovens jogadores só tinham a preocupação de brincar, ressalta-se **o corpo infantil e adolescente na escola**, levantado pelo Participante 4: *"O que eu mais gostava de fazer? ..jogar bola, estudar. Estudar sempre foi o primeiro objetivo da minha vida, desde pequeno. Na minha infância foi estudar, me dedicar a escola e depois o futebol"*. Devemos ressaltar que a imagem do jogador de futebol concebida no início do século XX, através da forte influência aristocrática e da íntima relação que o futebol estabelecia com os colégios da alta sociedade brasileira da época, foi alterada com o advento da profissionalização em 1993. Atualmente, os participantes ressuscitaram a importância da intelectualização para as suas formações. A necessidade de preencher súmulas antes das partidas, não é mais realidade nos dias atuais. Porém, por meio do neocolonialismo a educação é primordial. As diferenças sociais, ocasionadas por inúmeros motivos, muitas vezes roubaram dos participantes o direito de brincar e fantasiar. Os direitos das crianças são

substituídos por obrigações, a fantasia é substituída por trabalho. A educação surge como uma alternativa de mudança.

A liberdade de movimento e as brincadeiras que os participantes estavam acostumados a descrever baseados no corpo em movimento nos mais diversos, se tornam secundárias no ambiente escolar. Este ambiente, tão almejado por Rui Barbosa no século XIX, caracterizado pelo método de educação formal, reservou ao corpo apenas o direito de se expressar nas aulas de Educação Física.

Os corpos infantis que estavam acostumados a brincar, cresceram, foram a escola, fizeram aulas de Educação Física e, mesmo que pareça óbvio, estudaram. As brincadeiras, tão importantes e frequentes durante a infância dos jovens atletas desta pesquisa, não fizeram parte nem ao menos destas aulas ou quando fizeram foram menosprezadas. Foram substituídas pelas “modalidades esportivas”.

De acordo com João Batista Freire (1999), a educação física escolar deve proporcionar as crianças, durante os quatro primeiros anos escolares, a vivência de atividades de sensibilização corporal, jogos simbólicos, jogos de construção, jogos de regras, rodas cantadas, brincadeiras populares, ginástica geral, dança folclórica, lutas simples e jogos pré-desportivos. A partir do quinto ano escolar os estudantes deverão vivenciar atividades de relaxamento e percepção corporal, alongamentos, lutas ginásticas, danças e modalidades esportivas.

Intencionalmente, os participantes destacaram a Educação Física vivenciada após o quinto ano escolar em detrimento da vivenciada no ensino primário. O Participante 5 deixa claro em seu relato sobre as aulas de tal disciplina: *“No começo nós não fazíamos nada, só brincava de queimada, só dessas coisas. A partir da 4ª e 5ª séries que o professor começou a ensinar vôlei, basquete, handebol, futebol...a partir da 5ª a gente começou a praticar esportes. Antes no primário era só brincadeira mesmo”*.

Ao reestabelecermos a preferência unânime dos participantes pelo “brincar de bola” na infância, mostra-se uma maior participação nas aulas de Educação Física quando a modalidade esportiva abordada era o futebol. O “brincar de bola” permaneceu. As modalidades esportivas citadas tinham como características comuns o instrumento bola e a forma coletiva do jogo. Os esportes individuais não foram citados. A preferência pelo futebol, no contexto escolar, pode ser explicada das seguintes maneiras: o futebol, por ser um produto cultural brasileiro, exerce grande influência nas crianças, nos mais variados ambientes sociais; a história do futebol

brasileiro está intimamente relacionada com o contexto escolar. Como aborda Nunes (1997) a relação futebol-escola no início do século XX: “o *foot-ball* tornou-se praticamente obrigatório nos colégios das melhores famílias. No Colégio Militar, no Ginásio Nacional, no Alfredo Gomes, o Abílio, o Anglo Brasileiro”(p.29-30).

Desta maneira, torna-se possível compreender a influência do futebol na escola. Atualmente com a democratização da educação, as escolas são mais acessíveis do que no início do século. Contudo ao relevarmos fatos pertencentes a história, a preferência pela prática do futebol no ambiente escolar, em detrimento das demais modalidades esportivas pode ser explicada. A escola percebe a característica idealizadora do futebol e o inclui como matéria obrigatória. A Educação Física é praticamente substituída pelo futebol. O Participante 1 ressalta ao se referir as aulas de educação física: “Só jogava bola. Nos dias de vôlei, nem fazia. Só jogava bola”. O Participante completa que só participava das aulas sobre “Futebol de salão”, quando se tratava das demais modalidades simplesmente “deixava de lado...basquete, volêi...pára!!! Não é comigo não...”. O interesse em vivenciar outras modalidades esportivas nas aulas está presente nos discursos dos Participantes 3 e 5, porém as habilidades características do futebol são evidenciadas. O voleibol, o basquete ou o handebol eram valorizados pela possibilidade de contribuir para o desenvolvimento da prática de futebol. podemos observar o seguinte discurso: “Na escola? Eu sempre jogava bola, eu gosto também de jogar vôlei, porque goleiro gosta de pular. Jogo bem vôlei, também!” (Participante 3). As habilidades motoras requisitadas pelo futebol determinavam a escolha da prática de outras modalidades esportivas.

O Participante 4, ao contrário dos outros citou que: “Brincava...era handebol na época, e eu me dava bem no handebol...eu sempre fui alto, então...foi handebol”, continua...“Basquete”. Temos que destacar que mesmo ao não citar diretamente o futebol podemos perceber, através da utilização do termo “brincar”, que as outras modalidades esportivas reportavam as atividades desenvolvidas na infância, em que a necessidade de obtenção de resultados era inexistente, enquanto o futebol era colocado como principal.

A cultura esportiva, sintetizada pelo futebol, proporcionou uma relação singular do corpo-infantil com a sociedade. A prática de futebol agregou a imagem corporal dos participantes, componentes específicos da cultura do futebol.

O corpo infantil passou por mudanças morfológicas, fisiológicas, psicológicas e assumiu um nova forma. Chegou a adolescência. Até então, apontamos aspectos

sobre as brincadeiras realizadas na infância, o futebol permitindo as relações sociais, as vivências na escola, porém algo nos resta abordar. Sendo assim, ao tratarmos de histórias de vida de jovens jogadores de futebol não podemos ignorar as mudanças ocorridas no sistema endócrino. Por isso, o olhar agora volta-se para a **sexualidade na infância e na adolescência**. A sexualidade e a libido são considerados, para alguns autores apoiados nos ideais de Freud e Piaget, fatores determinantes na formação da personalidade e na exploração e conhecimento do próprio corpo. As experiências orais e anais dos primeiros anos de vida, o estabelecimento do "Édipo", o descobrimento das genitálias, a masturbação e o direcionamento para indivíduos do sexo oposto, contribuem infinitamente para a elaboração da imagem corporal. Durante a adolescência a exploração da sexualidade e o interesse sexual por indivíduos do sexo oposto, proporcionaram ao participante-adolescente a possibilidade de estar incorporando as alterações físicas ocorridas em seu corpo. Criando, desta forma, uma nova imagem corporal.

Neste momento, a questão da sexualidade e suas possíveis interferências na prática de futebol e na construção da Imagem Corporal, o Participante 4 nos atenta que o interesse sexual se fazia presente na escolha de determinadas brincadeiras realizadas na infância : *"Brincava mais de "cair no poço" com as meninas, eu era muito safado. Sempre fui, desde os meus 5 anos de idade, sempre fui no meio da ferra".* Com o passar dos anos, tal sexualidade foi apresentada novamente ao interrogarmos sobre o período inicial da adolescência (puberdade), *"Antes eu não tinha idade suficiente para sair, mas mesmo assim eu saía com os mais velhos. Da minha idade. Eu gostava de sair assim, para danceterias, sorveterias...ou praças ...o meu maior desejo sempre foi mulher, ...eu só ia atrás disso. O meu objetivo era este".* Com o desenvolvimento das características sexuais, a função que o participante deveria exercer na sociedade foi previamente definida: deixou de ser criança e percebeu que é um homem. Através das relações sociais o participante descobriu o comportamento, culturalmente herdado, que deveria ser adotado. A necessidade de demonstrar atitudes características do sexo masculino foi enfatizada quando o Participante 4 destaca que preferia brincar com os garotos do que com as garotas, no período da infância.

Nos discursos dos demais participantes não foi possível observar a questão da sexualidade. mesmo assim, percebe-se que o futebol interfere na sexualidade dos praticantes, ao não proporcionar o luto pelo corpo infantil. Tal prática esportiva, em

decorrência de suas regras previamente estabelecidas, não obriga os adolescentes criarem um ambiente social em que as regras sejam elaboradas coletivamente. O futebol estabeleceu com os participantes-adolescentes uma relação de dependência semelhante a que a família proporcionava no período da infância. O luto pelas relações do corpo infantil foi prejudicado. Desta maneira, ao preservar valores oriundos ao corpo infantil, o futebol dificultou o alcance da autonomia social e biológica, fazendo da sexualidade um fato quase que imperceptível

O corpo adolescente moldado pelo futebol. O futebol que era vivenciado nas brincadeiras infantis está presente também na pré-adolescência e no início da adolescência, em que assumiu a posição de atividade preferida pelos participantes. A cultura corporal estabelecida pelo futebol predominou. Todavia, a preocupação em condicionar o corpo para a prática de futebol se fez presente no seguinte discurso: *“Atividade que eu mais gostava de fazer? Correr”*(Participante 4) , continua *“Ia no Taquaral, corria. Fiz dois meses de musculação. Parei porque pela posição que eu jogo não posso fazer muita musculação senão fica lento. Perde a velocidade”*. O participante interagiu com o seu próprio corpo em atividades exclusivamente relacionadas ao futebol. No momento em que a construção de uma nova imagem corporal foi necessária, o futebol estabeleceu as estruturas sociais e psicodinâmicas. O futebol passou a ser a única meta a ser alcançada pelo adolescente, por isso as atividades e modalidades esportivas que não contribuíssem com este objetivo deveriam ser excluídas ou modificadas.

E assim, seguem as histórias de vida. A adolescência, com o inicial desenvolvimento das estruturas formais de pensamento, **determina as relações sociais anteriores a prática sistemática de futebol** e as possíveis mudanças ocorridas no convívio social. As brincadeiras com os garotos na rua, no clube saem de cena. A necessidade dos participantes de pertencerem a grupos, nos quais as características individuais se convergiam em um ponto comum se fez presente.

O “brincar” com os amigos começou a ser substituído pela expressão “sair “com os amigos”. A ludicidade, predominante em anos anteriores, foi mantida: *“Gostava de...Sempre se reunir na rua. Sempre inventava alguma coisa para fazer. Uma brincadeira nova, sempre correndo”* (Participante 3). Porém com caráter secundário completa o Participante 4: *“ir no shopping. Gostava muito de ir no shopping, gosto até hoje. Praticar salas de jogos. A minha atividade sempre foi jogos, sempre em termos de jogos. Daí eu ia pro cinema também...”*. Pôde-se perceber que as relações sociais,

estabelecidas durante a infância e antes da prática sistemática de futebol, não se restringiam apenas ao ambiente formulado pelo futebol.

O contato com valores culturais comuns a sociedade brasileira – mais especificamente do interior do estado de São Paulo - por meio das relações com os amigos e com ambientes coletivos, permitiu que tais valores fossem aprendidos pelos adolescentes e adicionados na construção da imagem corporal. Por meio das novas relações sociais o adolescente-participante pode compreender a função que o seu corpo deveria e exerceria. Em suma a sua *identidade social*. A identidade social foi estudada por Tajfel (1978-1982) e por Turner (1987), sendo levantados aspectos grupais e individuais se interagem na construção da identidade. O indivíduo não está apenas susceptível a influências grupais, mas sim como um ser que age, decide e produz normas. Para tais autores, citado por Rubio (1998), a teoria da Identidade Social visando compreender as relações intra e inter-grupais tem como base dois referenciais:

“A identidade pessoal: são auto-julgamentos sobre si e a percepção tida das relações com os outros indivíduos. Essas avaliações são efetuadas a partir de um processo de comparação social com outros membros do grupo que se julgam no mesmo nível do primeiro. A identidade social: é a percepção de uma característica pessoal enquanto membro de um grupo, comparando este a vários outros. Quando a identidade social é salientada é possível se fazer comparações entre grupos, ao invés de comparar-se com outros indivíduos pertencentes ao mesmo grupo”.(p. 11-2)

Contudo, torna-se possível observar que as relações estabelecidas na infância, caracterizadas pela sociedade e pela família (nas figuras de amigos e familiares), foram reformuladas tornando-se mais casuais. Quando interrogados os Participantes 1 e 2, demonstraram um interesse mínimo de sair para passear com os amigos e colegas. Para o Participante 1: *“Nunca gostei de sair não. Nunca saía ...”*. O Participante 2 completa: *“Não. Eu não saía muito não”*. A restrição do convívio social, muitas vezes pôde significar um processo de fuga e de negação das alterações ocorridas durante o processo de crescimento e desenvolvimento humano. No caso específico dos adolescentes, pode acarretar uma recusa das alterações físicas, sociais e psicológicas, cujo o luto pelos comportamentos infantis e pelos pais da infância deveriam ter sido superados. Ao restringir a sua autonomia, os participantes estabeleceram a antiga relação de dependência com a família .

As relações sociais estabelecidas por meio do futebol e do convívio familiar foram destacadas: *“A gente saía só para jogar. Jogar..., era difícil sair...às vezes tinha festa na casa de colega meu e eu ia com a minha família, mas sair pra ir em danceteria, essas coisas não”*(Participante 5). As relações sociais demonstraram duas direções neste discurso: a primeira, os laços familiares “vigiam” o comportamento do adolescente e a segunda, a prática do futebol surgia, ao mesmo tempo como uma alternativa de liberdade e de socialização, e como uma maneira de subordinação a regras previamente estabelecidas. As entrelinhas dos discursos mostra que o período da adolescência caracteriza-se pela necessidade de estabelecer novas relações sociais, com o intuito de aprender valores culturais, na busca da autonomia.

A formação de grupos de adolescentes com características semelhantes foi de suma importância, haja visto que proporcionou aos participantes a oportunidade de criarem e se subordinarem à novas leis e regras coletivas, diferentes das estabelecidas pelo contexto familiar. O futebol ao possibilitar a interação entre seus praticantes, por se caracterizar como um esporte coletivo, incentivou a socialização, mesmo que esta esteja relacionada a coesão grupal.

Neste momento devemos diferenciar o termo “coesão” de “vínculo”, por questões didáticas. Para Antonelli & Salviani (1978) e Russel (1993), citados por Rubio (1998): *“(p. 12). De acordo com a autora, no caso da prática esportiva: “a coesão está fundamentada em três pilares: a cooperação, a confiança e o respeito. A socialização através do futebol está direcionada para a “tarefa” (p. 13), haja visto que as regras estabelecidas atribuíram a cada participante uma função para que o objetivo coletivo pudesse ser alcançado.*

As relações sociais construídas a partir da prática de futebol, muitas vezes, extrapolaram os limites da coesão grupal. O convívio nos vestiários, antes do treinamento, na cantina, no ônibus das viagens ou mesmo após as “peladas” com os amigos da rua, propiciou aos participantes vivenciarem a autonomia e a socialização necessária na adolescência. Em busca desta autonomia, os adolescentes-participantes puderam compreender as limitações e possibilidades dos seus novos corpos, adquiridos após a puberdade.

A questão de sair para passear à noite, ir à danceteria por exemplo, demonstrou ser uma ação proibida e não saudável para a maioria dos participantes, com exceção do Participante 4.

A puberdade provavelmente causou uma desorganização na forma de agir e pensar dos jovens garotos. Seus corpos não são mais infantis, porém o que são? As responsabilidades a serem adquiridas para o ingresso no mundo dos adultos alteraram aparentemente os comportamentos dos pré-adolescentes. As brincadeiras foram substituídas, pois para adentrarem o mundo dos adultos foram “obrigados” a assumirem uma postura de seriedade.

Mas, ao ser retomado os períodos de férias, observamos que através das atividades de lazer e recreativas os participantes puderam vivenciar, novamente a liberdade de movimentos, a fantasia, o relacionamento com a família e a ludicidade, como nos tempos da infância. As chácaras, fazendas, sítios, praias e parques surgem como local preferido pelos participantes para passar férias. Para o Participante 1: *“Gostava de viajar. Ir para a casa do meu avô, numa cidadezinha no interior, perto de Ribeirão Preto. Eu ia lá ficar com ele, com minha avó, meu irmão. Era um sítio, a gente ia lá, pescava, ia caçar, fazia um monte de coisas, nas férias”*. Completa o Participante 3: *“Durante as férias? Ah, jogar bola. Viajava, é verdade! Alguns dias eu ia pra praia, alguns dias ficava na chácara da minha avó”*. A exploração das habilidades motoras e a vivência corporal estavam presentes nos períodos de lazer. Nadar, correr, jogar e ser livre eram fundamentais. Desta maneira, a contraposição das atividades motoras vivenciadas por meio do futebol, na escola e durante as férias, se tornaram inegáveis. O futebol e a escola proporcionou uma prática institucionalizada, enquanto no período de férias outras atividades podiam ser vivenciadas.

Porém, a preocupação com o corpo, enquanto instrumento para a prática de futebol foi levantada, mesmo nos períodos de férias: *“Durante as férias? Ah, piscina viu...uma piscininha...Eu também gostava de correr. Correr no Taquaral, no Bosque...fazer um condicionamento físico, porque a gente está parado...só para não ficar parado”*. (Participante 2).

O futebol foi se consolidando nas vidas dos jovens jogadores. Das brincadeiras da infância, dos jogos no início da adolescência até a prática sistemática. Desta forma, pontua-se que o **encontro com o futebol** se deu na infância em decorrência da influência de familiares, principalmente paterna, como podemos observar nos discursos que se seguem: *“Jogar bola. Porque eu sempre gostei de futebol. O meu pai também gosta de futebol, a minha família inteira, o meu irmão. Eu sempre gostei de futebol”* (Participante 1); *“Jogar bola. Com certeza. Ah, não sei...até porque meu pai gosta bastante de futebol, também”* (Participante 3); *“Jogar bola, ah! Porque está no*

sangue..." (Participante 5). A figura do "pai-herói" construída no período da infância, determinou a prática do futebol pelos participantes. Ao idealizar o comportamento paterno, o participante ainda criança, revelou se comportar semelhantemente e adquire o interesse pelo futebol

A tradição do futebol, estabelecida culturalmente por nossa sociedade, transcedeu gerações. De pais para filhos o futebol foi cultivado e mantido. Como se futebol fosse uma matéria obrigatória no processo educacional para os jovens jogadores o ingresso em escolas especializadas em ensino foi observado nos discursos. A especialização precoce foi objetivada durante o período da infância. O discurso do Participante 5 elucida bem está questão: *"Ah, eu sempre joguei, desde os 5 – 6 anos. Numa escolinha aqui em Campinas, "Craques do Futuro", lá no Cambuí"*.

A necessidade de aprender a jogar futebol por meio de escolas especializadas se apresentou como um requisito principal aos candidatos a jogador de futebol. Contudo, a maioria das escolas eram particulares ou requeriam uma mínima condição financeira. O Participante 4 relata que: *"É tipo assim, eu sou de uma família pobre. Desde pequeno eu nunca tive oportunidade dos meus pais pagarem uma escolinha"*. O interesse em frequentar uma escola de futebol, no período da infância se fez presente nos discursos dos participantes, porém por motivos financeiros apenas o Participante 4 não pôde vivenciar.

Avancemos no tempo... **o início da prática sistemática de futebol**, está relacionado com o despontar da adolescência e com a ocorrência do estirão de crescimento, nos quais as capacidades motoras como força, flexibilidade e coordenação estavam sendo adquiridas e desenvolvidas pelos participantes. O que era apenas uma brincadeira ou jogo se institucionalizou. O ingresso em clubes profissionais de futebol aconteceu. Por volta dos 13 aos 15 anos de idade a prática sistemática de futebol foi concretizada. Os clubes da cidade de Campinas - como Ponte Preta, Guarani e Campinas Futebol Clube – perfizeram o novo cenário. A Associação Atlética Ponte Preta surgiu como primeira experiência sistemática de futebol na vida da maioria dos nossos participantes, seja na participação de treinos, de amistosos ou de competições. Mostra o Participante 2: *"Mas eu só disputei mesmo foi na Ponte Preta. Eu cheguei a disputar campeonatos pela Ponte"... Eu disputei um Paulista. Chegamos em 3º lugar, no Infantil"*. O Campinas Futebol Clube foi a primeira experiência sistemática de futebol apenas para o Participante 3.

Com a prática sistemática de futebol, os jovens jogadores foram destinados a exercerem funções específicas dentro da equipe de futebol, por razões técnicas e táticas. Neste momento, apresentamos que quatro, dos cinco, participantes demonstraram estar satisfeitos atuando nas posições que lhes foram atribuídas. A exceção, neste caso, foi o Participante 4 que, apesar de ser um dos melhores atacantes da equipe, ressaltou: “*A posição que eu sempre sonhei for ser zagueiro. Pela minha altura, também*”.

A busca pela inserção no grupo atribuiu aos participantes a necessidade de cumprir determinadas funções e acatar a decisões tomadas pelo grupo, previamente estabelecidas.

O jogar futebol agora é uma obrigação. As rotinas dos treinos, o estresse ocasionado pelas competições, a preocupação com o condicionamento físico, os anseios do futuro nos atentam para a **motivação para a prática sistemática de futebol**. Ao utilizarmos uma “hierarquia de motivos” de Maslow, podemos estabelecer que os de *origem social* (originados a partir da necessidade de ser reconhecido pelo outro) e de *realização* (no qual a principal motivação é a excelência na execução de uma tarefa) se destacam nos discursos dos adolescentes. A necessidade de serem reconhecidos socialmente e o processo de buscar uma melhora ou a manutenção das próprias capacidades prevaleceram.

Os motivos de *realização* foram mais evidentes na prática esportiva, ao passo em que a *tarefa* está contida no contexto esportivo. O futebol ao propor uma norma de qualidade, em que se torna possível medir quantitativamente as capacidades físicas e psicológicas do jogador, difundiu um contínuo processo visando a melhora ou manutenção das capacidades individuais de cada participante.

Devemos salientar que o bem estar físico, mental e social adquirido nas atividades vivenciadas no clube foi evidente nos discursos coletados. As possibilidades de aprender a suportar cobranças, cumprir horários, ter disciplina, condicionar o corpo e a valorização das relações familiares foram estabelecidas pelo futebol.

A importância das relações familiares foi claramente explicitada pelo Participante 2, ao se reportar a uma situação de concentração da equipe, na qual jogadores que não residiam na região de Campinas tinham que se privar do contato com a família. O futebol assumia as regras e interferia nas relações familiares.

O fato de realmente gostarem de futebol e de obterem prazer por meio da sua prática, desde os primeiros contatos na infância, seguido pelo ingresso em escolas e

clubes de futebol foram considerados os principais fatores motivacionais para a prática sistemática desta modalidade. O futebol está tão presente na vida dos participantes, solidificado culturalmente, que ao indagarmos sobre o motivo principal que leva a prática de futebol surgem tais relatos: “O que mais me motiva? ...Eu acho que o fato de eu gostar de futebol...é o que mais me motiva a jogar bola”(Participante 1); “É porque eu amo o futebol. É a coisa que eu gosto mesmo”(Participante 2); “Eu gosto...”(Participante 5).

As lutas políticas travadas entre jogadores e clubes de futebol, e entre clubes paulistas e cariocas, na terceira década do século XX, nas quais o amadorismo e o profissionalismo do futebol brasileiro eram defendidos ou abolidos, alteraram de maneira significativa a imagem do jogador de futebol: o “profissionalismo marron”. Com as inovações do Vasco da Gama, ao inserir um jogador mestiço em seu selecionado, e com o pagamento de “bichos” ao jogadores por determinados clubes, foi criada uma nova imagem do jogador. Caldas (1990) destaca:

“Este esporte, que então era visto como um lazer de grã-finos, passa a ter também sua imagem ligada à periferia e, por extensão, às camadas pobres da sociedade. Noutras palavras: o futebol proletarizava. Imediatamente, cria-se na aparência um preconceito contra o jogador de futebol. na aparência, é claro, porque no fundo, o preconceito era à pobreza, embora partisse também das camadas mais pobres”. (p.51)

Contudo, futebol caminha para o processo de popularização e massificação. O amadorismo, almejado pela grã-fina sociedade, cede espaço para o profissionalismo. As transferências de jogadores para outros clubes eram tratados nos contratos previamente assinados. A remuneração do jogador era discutida com o clube. Surge então, a carreira de “jogador de futebol”, nos meados da década de 30 do século XX. Estabelecia desta maneira uma relação de dependência entre clubes e jogadores. Uma relação onde a escravização de jogadores se tornava possível.

No início da década de 90, através da Lei Zico, a autonomia do jogador é discutida. A escravatura, determinada pelos clubes, demonstra estar desgastada e abalada. No final do século XX, a Lei Pelé, reestrutura toda a relação do jogador com o clube. O jogador adquire maior autonomia. A evidente valorização da carreira de jogador de futebol é observada nas transações envolvendo clubes brasileiros e estrangeiros. Ser um jogador de futebol, trás consigo a idealização de ser “ídolo

nacional”, acarretando uma recompensa financeira. Contudo, foi colocada como um motivo de realização pelos Participantes 3 e 4 respectivamente: *“Eu acho que é... a fama, dinheiro também, é porque eu gosto também, gosto de ver. Sei lá, porque sempre assim, o goleiro numa situação de penâlti pode ser o herói...que nem o Tafa-rel foi na Copa”*; *“Os jogadores que eu via na televisão. Eu via aqueles gols bonitos. Eu vibrava mesmo, parece que quando eu via gol, quando eu via o jogo na televisão, arrepiava...parece que era uma coisa que me chamava mesmo, desde pequeno. É isso aí”*. O Participante 1 conclui: *“Pretendo seguir a carreira, ser muito feliz, ganhar muito dinheiro, é claro. Ganhar dinheiro, porque o mundo aí fora está muito difícil você conseguir um emprego, está muito difícil...”*.

Os meios de comunicação ao transmitirem informações relacionadas aos mais variados temas, demonstram a sua importância na formação da opinião pública. A criação de ídolos de chuteiras que convivem com astros e estrelas da televisão, rádio, jornal e cinema, tornam a profissão de jogador ainda mais “vangloriosa”. A fama, o dinheiro e o reconhecimento das outras pessoas parecem ser obtidos facilmente, basta ser jogador de futebol. Porém, devemos lembrar que no Brasil e no mundo, apenas uma minoria de jogadores de futebol atua em grandes clubes e tem um salário milionário, a grande maioria sobrevive com salários mínimos e em condições deficientes nos pequenos clubes, como nos alertou o Participante 5: *“eu acho que dinheiro e fama se você conseguir ingressar num clube profissional é consequência”*.

Nestes discursos, percebemos que o final da adolescência se revela a partir da aquisição das estruturas formais de pensamento. A aquisição de valores culturais de uma sociedade adulta, estabelecem uma projeção dos adolescentes em determinadas profissões. A organização de planos, objetivando o alcance de determinadas metas, já se tornam viáveis. Mostra-se ainda que ao se desprenderem das relações familiares, os adolescentes estavam buscando uma autonomia social.

A catarse social e a aprendizagem de produtos culturais vivenciadas a partir do futebol motivou os jovens participantes a praticá-lo. O momento do gol, ao expressar a vitória e a superação foi levantado pelo Participante 2: *“O prazer do gol. ...nossa...esse é o principal fator”*. A sociedade capitalista propõe ao adolescente a importância de compreender dois pólos extremos: a vitória e a derrota. O momento do gol simbolizaria o momento da vitória, não apenas uma vitória sobre um clube adversário, mas sim uma vitória social a ser simbolizada.

Neste momento, a figura paterna, elaborada na infância, conviveu com outras figuras com características igualmente louváveis pelos participantes-adolescentes. O professor, jogador e treinador foram admirados pelo adolescente. A construção da imagem corporal e das relações sociais deixaram de ser baseadas exclusivamente na família. Todavia, a figura do treinador assumiu a função de motivar os jogadores adolescentes a praticarem futebol. Como um professor de Educação Física, o treinador tem a responsabilidade de motivar, extrinsecamente, seus jogadores-alunos. Como podemos observar: *“O que mais me motiva? É o incentivo do professor”*. (Participante 4). Deve-se ressaltar que a figura do treinador-professor não deve exercer uma relação de íntima dependência com o adolescente. Da mesma maneira que a dependência paterna seria prejudicial no processo de autonomia, a relação com o treinador não deve substituir a antiga relação estabelecida com o pai.

Outro fator mencionado foi a obtenção de saúde através da vivência esportiva como um fator motivacional para a prática sistemática de futebol. A prática esportiva foi considerada como um hábito saudável pelos participantes. Correr, fazer musculação, entre outras, proporcionavam inegavelmente um melhor funcionamento dos sistemas cardiorespiratórios, circulatório, articular e esquelético. As contribuições para uma vida saudável foram coerentes nestes casos. Porém, ao pensarmos em esporte de alto rendimento devemos ser cautelosos.

Muitas vezes, ouvimos várias campanhas publicitárias, ou mesmo ouvimos as pessoas dizerem que a prática esportiva nos afasta do envolvimento com entorpecentes. O Participante 5 relata: *“...Uma coisa, quando você está praticando algum esporte você fica longe, vamos supor de má companhia, você não fica na rua, não se mete com drogas, essas coisas”*. O afastamento do uso de entorpecentes foi elucidado pelo Participante 5, porém devemos destacar que para Aberastury, o consumo de drogas na adolescência pode significar uma “fuga” do indivíduo, caracterizando-se como uma rejeição das transformações e da autonomia social e biológica. A dependência estabelecida com os familiares foi substituída por uma dependência química. Desta maneira, pode-se perceber que o futebol desempenha uma função semelhante as “drogas”. Afastou o adolescente do uso de entorpecentes porém, produziu efeitos de dependência semelhantes ao uso. O futebol passou a vigiar as ações do adolescente.

Neste contexto, ao levantarmos a questão do corpo no ambiente esportivo devemos ressaltar que a imagem corporal dos atletas foi construída, destruída e

reconstruída, num processo dinâmico, sob as influências do futebol, da família e da sociedade como um todo. Ao considerarmos que nos comportamos e nos expressamos de formas diferentes em situações diversas, devemos salientar que os “comportamentos” e as “expressões” se tornam a partir e através do corpo. Corpo, este, que sofre influências culturais e ambientais.

A imagem corporal dos participantes não foi elaborada apenas pela maneira que eles observavam, mas também, pelo olhar das outras pessoas sobre eles. O corpo adolescente imerso na prática sistemática de futebol assumiu características específicas e individuais que puderam ou não diferenciá-lo dos outros corpos da mesma idade.

A questão da estética foi levantada por nossos atletas. Corpos perfeitos, sem excesso de peso, simétricos e fortes foram objetivados. Ao serem interrogados de como se sentiam ou como observavam seus corpos o Participante 1 destaca: *“Me sinto bem com ele. Me sinto bem. Sem nenhuma barriguinha”*. Para o Participante 2: *“É, eu preciso pegar um pouco mais de tórax, porque o preparador físico mesmo disse que eu só tenho perna. Aí tem que fazer uma musculação, tem que dá uma.....”*. Já para o Participante 3: *“Depois que eu comecei a fazer os exercícios ficou mais...mais definido, condicionando o corpo”*. O Participante 5 elucidou a influência de valores estéticos e sociais na construção da imagem corporal: *“Ah, eu tô bem sim, agora. Antigamente eu estava meio gordinho, um ano e meio atrás, relaxei de mais e os caras pegavam no meu pé...mas agora eu mantenho o peso”*.

A preocupação de não adquirir gorduras localizadas, de desenvolver a região torácica e de manter um corpo definido, aproximou os jovens atletas do mundo dos adolescentes ditos “normais”. No momento histórico em que vivemos, onde o corpo belo, forte e saudável é exaltado semelhantemente ao que ocorria na Grécia Antiga e no Império Romano, percebeu-se que o corpo adolescente, inserido na prática do futebol sistematicamente, também almejou ser belo, forte e saudável. O corpo musculoso e magro foi tomado como padrão de beleza também pelos jovens atletas. O estereótipo do “jogador de futebol” interferiu na construção da imagem corporal do adolescente. As estruturas fisiológicas, psicodinâmicas e sociais que compõe a imagem corporal são determinadas pelo futebol.

A necessidade de comparar o seu corpo com o dos outros adolescentes da mesma idade se fez presente. Ao interrogarmos os participantes sobre o olhar das outras pessoas sobre seus corpos, percebemos certa dificuldade em discursarem

sobre o indagado porém, houve uma nítida comparação com adolescentes da mesma idade. O corpo adolescente do outro, passa a ser comparado com os seus. A imagem corporal do adolescente e do atleta se convergiram e interferiram na construção das suas próprias imagens corporais. Ao recorrermos a definição de imagem corporal de Pichon-Rivière citado por Rubio (1990): “*é a imagem tetradimensionada que cada um tem de si, ou seja, uma imagem que inclui três dimensões de espaço – verticalidade, horizontalidade e profundidade- e uma de tempo*”(p.19). Pode-se concluir que a variável “tempo” representada pela influência histórica e social esteve presente na imagem corporal do participante-adolescente.

Ao destacarmos o discurso proferido pelo Participante 1, percebeu-se que o futebol e as demais relações sócio-culturais conviveram num mesmo espaço de “tempo”. Tal Participante destacou que as outras pessoas observavam o seu corpo como: “*Normal. Igual a um corpo de um adolescente de 17 anos, de um atleta ora!*”(Participante 1).

O adolescente praticante de futebol, na busca da performance esportiva, elaborou a sua imagem corporal em função das exigências impostas pelo esporte de alto rendimento. **A influência do futebol na construção da imagem corporal** nos é revelada pelos discursos. A Imagem Corporal foi construída a partir de um corpo enquanto instrumento para a prática de futebol. As minhas pernas, o meu toráx, a minha barriga só me interessam quando interferem na performance. Ao serem interrogados de como observavam e sentiam seus corpos, relataram também: “*Eu acho que o meu corpo está apto á praticar o esporte. O meu corpo está bem, não está 100% para jogar os noventa minutos inteiros, corridos...de uma primeira divisão...*”(Participante1); “*Me sinto bem...gosto...levinho...Dá para correr bastante, meter uma fumaça na zaga. Correr...*” (Participante 2); “*Me sinto bem, com saúde principalmente. Eu queria ser mais forte, porque por ser goleiro eu sou até que magro. Ter mais corpo*”(Participante 3); “*Na condição de jogador de futebol? Eu não sou 100% atacante, eu tenho que aprender muito na vida*” (Participante 4); “*eu acho que eu tenho um corpo bom para a posição que eu jogo. Eu estou bem condicionado, porque eu me cuido bastante. Eu procuro me manter sempre em forma. E eu acho que eu estou bem sim*” (Participante 5).

De acordo com os participantes o olhar dos outros sobre o corpo adolescente praticante de futebol está relacionado ao rendimento esportivo e a valores estéticos, culturalmente adquiridos. Porém a estética está subordinada a funcionalidade

esportiva. Seus corpos só são ouvidos ao desempenharem a função de jogador de futebol quando vencem, perdem e sofrem. Como nos mostra o Participante 3: *“Ah, sempre um goleiro alto e magrelo...risos...deve ser isso...”*.

O corpo era comparado a função desempenhada. A necessidade de possuírem corpos aptos para a prática eficiente de futebol. Os aspectos de possuir um corpo saudável e a cobrança social sobre de futebol foram destacados pelo Participante 5 *“Tem muita cobrança em cima, muita cobrança...principalmente quando eu jogava no infanto-juvenil e eu comecei bem, estava jogando, daí eu peguei um resfriado, fui pro banco...”*.

Na elaboração da imagem corporal, a relação de dependência propiciada pelas figuras do pai, do preparador físico e do treinador foram observadas. Valores culturais, a serem incluídos na imagem corporal, foram ditados essencialmente por estas três pessoas. Sendo assim, a relação que o adolescente estabeleceu com o seu próprio corpo foi determinada. O adolescente percebeu o seu corpo através do olhar do outro. De acordo com o Participante 2 a influência do preparador físico na construção da imagem corporal se torna real, destacando novamente a necessidade que o adolescente tem em se enquadrar em estereótipos determinados pelo futebol: *“porque o preparador físico mesmo disse que eu só tenho perna”*. Para o Participante 5, a influência de familiares na construção e aquisição de valores culturais – estéticos – por meio desta influência se torna evidente: *“É porque o meu tio e meu pai ficam enchendo o saco para eu correr sempre. Para que eu não engorde”*. A vivência corporal novamente foi determinada pela família.

A nossa viagem nas histórias de vida dos jovens jogadores de futebol está terminando, destacamos também as **lembranças da infância**, por percebermos sua relação com a construção da imagem corporal. Nos reportamos aos períodos que antecederam a prática sistemática de futebol buscando identificar as alterações ocorridas na imagem corporal e no convívio social dos participantes. A relação com os amigos foi modificada. Os discursos apresentaram que as melhores lembranças eram, *“Ficar com os meus amigos. Brincava bastante com eles. Agora...”*(Participante 1). Desta maneira percebeu-se que a adolescência somada a prática sistemática de futebol, restringiram as relações sociais dos adolescentes. Desta maneira, o convívio social é substituído pela *coesão grupal*, da qual já discutimos anteriormente.

Com a prática sistemática de futebol o corpo adolescente deixou de ser “livre”. A responsabilidade de ser o instrumento principal no “jogar” futebol, fez com que o

corpo se modificasse. Teve que se privar de várias coisas, antes permitidas. O rendimento e a performance esportiva precisavam ser alcançadas. O Participante 5 discursa sobre a mudança nos hábitos alimentares: *“É ...muita coisa você tem que manerar a boca, pra comer e não subir o peso. Eu nunca bebi, mas uma coisa, também que você não pode fazer, não pode beber nada alcoólico, até refrigerante mesmo não é bom para atletaessas coisas”*. Não podemos ignorar que deste modo o futebol proporcionou uma vida mais saudável ao adolescente. O Participante 4 destaca: *“Em primeiro lugar, antigamente era a farra, eu não estava nem aí quando...com o meu corpo. Eu era relaxado, mas hoje em dia eu sei se eu passar uma noite sem dormir, eu sei se eu vou passar mal ou não”*. A relação que o adolescente estabeleceu com o seu corpo foi controlada pelas necessidades impostas pelo futebol. A saúde foi almejada enquanto contribuinte para a performance esportiva impõe ao corpo adolescente o que deve ser vivido.

Considerações finais

Capítulo V

A "partida" de futebol se aproxima do final. O arbitro está prestes a soar o final do jogo. Estamos diante do encontro do corpo adolescente com o futebol e a construção da imagem corporal. Após planarmos sobre as histórias de vida dos adolescentes, estamos em terra firme novamente. O futebol, o corpo e adolescência convergiram a um sujeito comum: o jovem jogador de futebol. Antes de decolarmos novamente rumo a outros estudos, devemos descrever o que ouvimos dos jovens jogadores através das considerações finais, buscando relacionar todos os pontos focalizados.

Ao olharmos atentamente para o jovem corpo de jogador de futebol, percebemos que o mesmo era formado por vários corpos. O corpo infantil foi o primeiro a se apresentar, demonstrando uma grande exploração das habilidades. Corpo em movimento, através de brincadeiras com os colegas da rua, do clube, da escola e do campo de futebol. Este corpo, desde pequeno, necessitava de espaço para se expressar. Contudo o olhar familiar vigiava os seus passos, buscando delimitar até mesmo as relações de amizade. O futebol já despontava como brincadeira preferida. A escola formal convivia com a escola de futebol, aprender somente a ler e escrever não bastava. Era necessário aprender a jogar futebol.

O ingresso na escola formal, colocou o corpo em contato com os estudos, é claro, e com as modalidades esportivas, o brincar já cedia espaço para o jogar. O corpo infantil, quase adolescente, demonstrava novamente o interesse pelo futebol nas aulas de Educação Física. Certas horas se negava a brincar de outras modalidades esportivas e só participava da aula se fosse de futebol. Jogava volêi, basquete e até Handbol algumas vezes ,a de se destacar, mas o que interessava mesmo era o futebol.

As alterações hormonais, as mudanças morfológicas e psicológicas despertam a **sexualidade**. O corpo feminino chamava atenção em algumas brincadeiras realizadas na infância. Como esse corpo gostava de brincar de "Cair-no-poço" com as garotas!

O corpo do jovem jogador, antes de praticar sistematicamente futebol, já se preparava para o mesmo. Corria, nadava...se condicionava. Continuava preferindo jogar futebol com os outros corpos. As **relações sociais** neste período estavam centradas na família e nos amigos da vizinhança. O corpo não gostava muito de sair com os amigos, preferia ficar em casa na maioria das vezes. Algumas vezes até comia pizza na garagem de um amigo, e quando achava necessário saía na noite em busca de um corpo feminino.

A fantasia, tão presente na infância, era novamente vivenciada pelo jovem corpo porém, agora, só nos períodos de **lazer**, nas férias. Lugares amplos, chácaras, sítios, fazendas, parques, rodeados pela natureza, eram os preferidos por este corpo, para estar na companhia da família. Nadar nos rios e cachoeiras, correr, andar a cavalo, jogar ping-pong e futebol eram as atividades preferidas. O corpo buscava novamente se manter em movimento

O corpo volta de férias, deixando toda a ludicidade para trás e **encontra o futebol**, um pouco diferente. Aquele primeiro encontro ocorrido na infância sobre a influência de "corpos-pai" e de "corpos-cultura" está um pouco diferente. O corpo passa a se confundir com os corpos de jogadores de futebol profissionais. O jovem corpo **inicia a prática sistemática de futebol**. Por volta dos 13 aos 15 anos de idade, os clubes da cidade de Campinas/SP preparam o corpo para a prática de futebol. O corpo teve que aprender a atacar, defender ou organizar para desempenhar a função que lhe foi atribuída pelo futebol. O corpo, na maioria das vezes se mostrou satisfeito ao defender e atacar porém, certa vez destacou que preferia defender do que e atacar mas, em nome da coesão grupal atacou.

O corpo, carregado de motivos, se candidata a carreira de corpo de jogador de futebol. Utilizando motivos de realização e motivos sociais o corpo treina com o objetivo de melhorar a sua performance e o seu rendimento. Inicialmente treinava porque realmente gostava de futebol. Aprendeu a gostar desde a infância. Foi uma evolução ontogenética. As atividades desenvolvidas no clube proporcionavam ao corpo a capacidade de ter disciplina, de valorizar as relações familiares, o bem estar físico, mental e social. Com o decorrer do tempo o jovem corpo percebe que o futebol poderia lhe trazer uma grande valorização financeira. O prazer obtido pelo momento do gol faz parte, também, mas a possibilidade de ficar protegido do desemprego que assombra "corpos-advogado", "corpos-motorista", "corpos-vendedor", entre outros, o motiva mais ainda a jogar futebol. A possibilidade de se tornar herói, como aconteceu com o corpo-Taffarel na Copa de 1994, de ser lembrado em jornais, TVs, rádios e revistas incentivam a manutenção da candidatura a "corpo de jogador de futebol". Imagine quantos milhões este corpo não irá receber!

Pois bem, os motivos parecem distantes demais, será que o jovem corpo ao perceber, as dificuldades que irá encontrar e a lentidão no reconhecimento dos resultados alcançados se motivará? A figura do corpo-treinador surge para o motivar através do incentivo nos treinos.

O tempo voa a nossa frente...o jovem corpo ao se engajar profundamente no futebol se transforma. Assume características de um corpo adolescente praticante de futebol, ou seja, foi eleito. É um corpo jovem de um jogador de futebol. Mas, e a sua **Imagem** como foi construída? Padrões de beleza e estéticos, culturalmente estabelecidos, deixam a sua marca. Excesso de gordura, falta de gordura, torác pouco desenvolvido são preocupações do corpo adolescente praticante de futebol. A comparação com corpos da mesma idade se torna inevitável. Porém, a busca incessante do corpo em alcançar o alto rendimento e performance no futebol deixou sequelas. Ao procurar se auto - imaginar o jovem corpo não consegue se

desprender do futebol. A existência do mesmo só se torna real quando apto para a prática esportiva. Contudo, na tentativa de auxiliar na construção de sua auto-imagem, perguntamos ao corpo - atleta: "Como as outras pessoas o vê, durante uma partida de futebol?". Antes da resposta o silêncio foi evidente. Respondeu: "Um corpo normal, igual ao de outros da mesma idade"... "um corpo alto e magro"... "Preparado para a prática esportiva"... finalizou: "Um corpo de um atleta, jogador de futebol". As cobranças impostas pelo futebol foram logo lembradas.

Ao nos depararmos com o fato de tal corpo ter alcançado o objetivo de se tornar "jogador de futebol", observando a sua satisfação, perguntamos: "Quais são as suas melhores lembranças do tempo que não praticava sistematicamente futebol? A resposta que ouvimos: "Sinto falta das relações sociais que podia estabelecer com os amigos"... "do fato de não precisar me preocupar tanto comigo"... finalizando: "da liberdade que tinha..."

Nos despedimos do jovem corpo...

Após analisarmos a construção da imagem corporal do adolescente, do sexo masculino, praticante de futebol, a partir das relações familiares, sociais e culturais estabelecidas no período da infância e durante a prática esportiva sistemática, é possível chegarmos a algumas **considerações finais**. As histórias de vida dos participantes nos mostraram a complexidade dos fenômenos adolescência, futebol e imagem corporal. Após uma análise dos dados coletados, podemos apresentar os seguintes aspectos buscando responder as interrogações apresentadas nos **Objetivo e Questões de Estudo**:

1. As brincadeiras, explorando as habilidades motoras, vivenciadas no período da infância contribuíram para a construção da imagem corporal, ao proporcionarem uma vivência corporal. O futebol, herdado culturalmente, permeiou a ludicidade infantil. O ingresso em escolas especializadas no ensino de futebol, proporcionou ao corpo infantil um contato inicial com a prática sistematizada de

futebol - especialização precoce. Neste período, a diferença entre as atividades desenvolvidas no ambiente escolar - formal - e na rua ou no clube - ambiente - informal , foi evidenciada;

2. A relações sociais foram vigiadas pelo olhar familiar. A família, principalmente a figura paterna, determinou o convívio social do corpo infantil. O futebol surgiu como um elemento socializador, cuja prática possibilitou o convívio com outras crianças. O indivíduo aprendeu valores da cultura brasileira, inclusive a questão da estética corporal, por meio da família e do futebol;
3. A prática sistemática de futebol alterou as relações sociais, estabelecidas durante da infância. A figura do pai, ainda é destacada, porém divide espaço com a figura do treinador. A sexualidade destacou as alterações ocorridas no corpo infantil. Contudo, o adolescente incorporou a sua imagem corporal a necessidade de satisfazer as regras do futebol. O corpo passou a ser observado como um instrumento para se alcançar a performance e o rendimento esportivo;
4. Pode-se concluir que a imagem corporal do adolescente, do sexo masculino, praticante de futebol, foi construída sob a influência de padrões estéticos e a necessidade de se alcançar o rendimento esportivo. O corpo-adolescente se projetou no corpo-atleta.

Referências Bibliográficas

- ABERASTURY, A. **Adolescência**. Porto alegre: Artes Médicas, 1990
- ALENCAR, L. K. **O esporte na vida de pessoas portadoras de deficiência física: das mudanças na imagem corporal á integração na sociedade**. Natal – RN, 1998. 210 p. Monografia (Graduação)- Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- CALDAS, W. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894 – 1933)**. São Paulo: IBRASA, 1990.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo : Cortez, 1995.
- COSTA, E.M.B. **O corpo feminino no encontro com a antiginástica**. Campinas, 1999. 216 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física , Universidade Estadual de Campinas.
- _____. **Encontro com a consciência corporal: Trajetórias profissionais em discussão**. Natal- RN, 1997. 256 p. Monografia (Graduação). Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- DANTAS, E.H. M.. **Pensando o corpo em movimento**. Rio de Janeiro: Shape ed., 1994.
- DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas, Papyrus, 1995.
- _____. **As contradições do Futebol brasileiro**. Buenos Aires. 1998. 4p. Artigo publicado na Revista Virtual – Sportquest, no. 10, edição maio/1998.
- DEMO, P. **Metodologia científica aplicada em ciências sociais**. 2. Ed. – revisada e ampliada. São Paulo: Atlas, 1992.
- ECKERT, H. M. **Desenvolvimento motor**. 3 . ed.. São Paulo: Manole, 1993.
- FONSECA, V; MENDES, N. **Escola, escola quem és tu? Perspectivas psicomotoras do desenvolvimento humano**. 3ª ed. Lisboa: Notícias, 1982.
- HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- HATJE, M. **O jornalismo esportivo impresso do Rio Grande do Sul de 1945 a 1995: a história contada por alguns de seus protagonistas**. Santa Maria, 1996. 208p. Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de Santa Maria.
- HEISENBERG, W. **A imagem da natureza física moderna**. Lisboa: Livros do Brasil, 1932.

- HELAL, R. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- LE BOUCH, J. **O Desenvolvimento psicomotor**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- MARTINS, J. e BICUDO, A.V. **A pesquisa qualitativa em psicologia**. São Paulo : Moraes, 1989.
- MEINEL, K. **Motricidade II: o desenvolvimento motor do ser humano**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.
- MERLEAU PONTY, M. **A fenomenologia da percepção**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.
- MORAES, M. introdução. In Marieta MORAES (org.) **História Oral**. Rio de Janeiro: Diadorin / Finep, 1990.
- MOREIRA, W; PELEGRINOTTI, I; HEBLING, J.C. **Futebol Evolução**. O ser humano, a técnica e o espetáculo. Projeto desenvolvido em uma Administração Democrática e Popular na gestão municipal do Partido Dos trabalhadores (PT), na Prefeitura Municipal de Piracicaba- SP, no período de 1989 à 1992.
- NUNES, R. H. **Do jogador Oliveira ao Atleta "Careca"**. Campinas, 1997. 129 p. Trabalho de conclusão do curso de Especialização em Jornalismo Esportivo do Laboratório de Jornalismo Avançado e Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.
- OLIVIER, G.G. **Um olhar sobre o esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade**. Campinas, 1995. 100p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.
- OSÓRIO, L. C. **Adolescente hoje**. 2.ed .Porto Alegre:Artes Médicas, 1991.
- PAES, R.R. **A aprendizagem e competição precoce: O caso do Basquetebol**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
- RODRIGUES, D. A. **O corpo, espaço e movimento**. Portugal, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1998.
- RODRIGUES, Y. T.; GIOIA, O ; EVANGELISTA, J. **Adolescente, esporte e nutrição**. Rio de Janeiro : Livraria Ateneu, 1984.
- RUBIO, K. **Et, niat, niatat; sobre o proceso de formação de vínculo em uma equipe esportiva**. São Paulo, 1998. 128 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade de São Paulo.

_____. **Psicologia do esporte: Interfaces, pesquisa e intervenção.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

SHILDER, P. **A imagem do corpo: as energias construtivas da psique.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.

THOMAS, R .J.; NELSON, J.K. **Research methods in physical activity.** Champaign: Human Kinetics, 1990

WEIL, P. ; ROLAND, T. **O corpo fala.** 17.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

Fotos e imagens: www.paulopinto.com

www.sandyejunior.com.br

Anexos

Roteiro Para Entrevista

1) DADOS PESSOAIS

- 1.1. Idade:
- 1.2. Grau de escolaridade:
- 1.3. Ano em que começou a praticar sistematicamente futebol:
- 1.4. Ano de ingresso no atual clube:
- 1.5. Posição na qual joga:
- 1.6. Posição na qual gostaria de jogar;

2) ATIVIDADES CORPORAIS NA INFÂNCIA

- 2.1. Quais as atividades corporais (brincadeiras) que você realizava quando era criança?
- 2.2. O que você mais gostava de fazer quando criança? Por quê?
- 2.3. Onde você mais gostava de brincar quando criança? Por quê?
- 2.4. Você brincava com muitos amigos? Quem eram eles?
- 2.5. Qual a atividade corporal que você mais gostava de realizar? Por quê?
- 2.6. Você realizava alguma atividade corporal na escola? Quais?

3) ATIVIDADES CORPORAIS REALIZADAS ANTES DA PRÁTICA SISTEMÁTICA DE FUTEBOL

- 3.1. Antes de praticar sistematicamente futebol que tipo de atividade você mais gostava de fazer? Por quê?
- 3.2. Você saía muito com seus amigos? Quais lugares que você mais frequentava?
- 3.3. O que você mais gostava de fazer durante as férias?
- 3.4. Quais as melhores lembranças do tempo em que não praticava sistematicamente futebol?

4) ATIVIDADES CORPORAIS DESENVOLVIDAS NO ATUAL CLUBE

- 4.1. O que mais te motiva a jogar a jogar futebol?
- 4.2. Quais as atividades que você mais gosta de participar no clube? Por quê?
- 4.3. Na condição de jogador de futebol, como você observa o seu corpo?
- 4.4. As atividades desenvolvidas no clube contribuem para o seu bem estar físico, mental e social?
- 4.5. Durante uma partida de futebol, como as outras pessoas veem o seu corpo?
- 4.6. Como você se sente em relação ao seu corpo?

Registro Geral

Participante 1

Uilson – Em que ano começou a praticar sistematicamente futebol?

Participante 1: Em 1998

Uilson – Você começou a praticar sistematicamente futebol em aonde ? Aqui mesmo no Careca?

Participante 1: Aqui mesmo.

Uilson – Nunca jogou em outro clube?

Participante 1: Não, fiz apenas alguns treinos na Ponte Preta, mas comecei a pegar firme mesmo aqui no Campinas.

Uilson – Em que ano ingressou no Campinas?

Participante 1 : 1998

Uilson – Você chegou a competir pela Ponte Preta?

Participante 1 : Não.

Uilson - Em qual posição você joga?

Participante 1 : Centro-avante.

Uilson – Em qual posição você gostaria de jogar?

Participante 1 – (Dúvida, não compreendeu a pergunta)

Uilson - Você joga na posição de centro-avante, você gostaria de jogar como centro-avante mesmo?

Participante 1 : É. Como centro-avante mesmo.

Uilson – Quais as atividades corporais (brincadeiras) que você realizava quando era criança?

Participante 1 : Jogava bola. Bastante bola com os meus amigos, quando eu era pequeno. Brincadeiras de criança mesmo, esconde-esconde. Várias coisas.

Uilson – O que você mais gostava de fazer quando criança? Por quê?

Participante 1 : Jogar bola. Porque eu sempre gostei de futebol. O meu pai também gosta de futebol, a minha família inteira, o meu irmão. Eu sempre gostei de futebol.

Uilson – O seu pai era jogador de futebol?

Participante 1 : Não.

Uilson – Onde você mais gostava de brincar quando era pequeno? Por quê?

Participante 1 : Num campinho perto de casa. Porque sim, para jogar bola com os meus colegas. Soltar pipa. Tudo o que uma criança faz.

Uilson – Qual a atividade corporal que você mais gostava de realizar quando era criança? Por quê?

Participante 1 : Jogar bola.

Uilson – Você realizava alguma atividade corporal na escola ?

Participante 1 : Uma atividade?

Uilson - Alguma brincadeira...

Participante 1 : Não. Só estudava mesmo e fazia educação física.

Uilson – O que você fazia na Educação Física?

Participante 1 : Só jogava bola. Nos dias de volêi, nem fazia. Só jogava bola.

Uilson – Antes de praticar sistematicamente futebol que tipo de atividade você mais gostava de fazer? Por quê?

Participante 1 : Antes de jogar aqui, eu não fazia nada. Só estudava.

Uilson – Você não brincava de nada, não jogava em nenhum lugar?

Participante 1 : Só jogava bola na rua.

Uilson - Você já jogou em alguma escolinha de futebol?

Participante 1 : Sim. Joguei numa escolinha que tem ali no Cambuí, quando eu era menorzinho.

Uilson – Quantos anos você tinha?

Participante 1 : Dos 9 aos 10 anos. Eu joguei bastante, até os 11 anos.

Uilson – Você jogou durante quantos anos nesta escolinha?

Participante 1 : Ah, eu entrava e saía. Se for para contar tudo daria uns dois anos.

Uilson – Você saía muito com seus amigos, antes de jogar futebol?

Participante 1 : Não, não. Nunca gostei de sair não. Nunca saía assim.....

Uilson – Você não frequentava lugar nenhum com os seus amigos? Não gostava de sair?

Participante 1 : Não gostava de sair. Gostava mais de ficar em casa.

Uilson - O que você mais gostava de fazer durante as férias, antes de jogar aqui?

Participante 1 : Gostava de viajar. Ir para a casa do meu avô, numa cidadezinha no interior, perto de Ribeirão Preto. Eu ia lá ficar com ele, com minha avó, meu irmão. Era um sítio, sabe... a gente ia lá , pescava, ia caçar, fazia um monte de coisas. Nas férias.

Uilson – Como chama a cidade?

Participante 1 : Santa Rita do Passa Quatro. Longe daqui...

Uilson – Quais as melhores lembranças do tempo em que você não jogava aqui no Careca?

Participante 1 : As melhores lembranças...Ficar com os meus amigos. Brincava bastante com eles. Agora... Eu moro em condomínio grande de apartamentos, daí tinha muito moleque, aí todo dia a gente ficava no condomínio...jogava botão...Brincava de um monte de coisas no condomínio...Agora todo mundo crescido. Acabou. Não tem como.

Uilson – O que mais te motiva a jogar futebol?

Participante 1 : O que mais me motiva? Ah...Eu acho que o fato de eu gostar de futebol...é o que mais me motiva a jogar bola.

Uilson – Você pretende seguir a carreira de jogador?

Participante 1 : Pretendo, né. Pretendo seguir a carreira, ser muito feliz, ganhar muito dinheiro, é claro. Ganhar dinheiro...porque o mundo aí for a está muito difícil você conseguir um emprego,está muito difícil... então o futebol se você tiver muita sorte, sabendo jogar...tendo sorte também...daí se Deus quiser consegue sim.

Uilson – Quais atividades que você mais gosta de participar no clube? Por quê?

Participante 1 : Só participo do futebol mesmo.

Uilson – Na condição de jogador de futebol, como você observa o seu corpo?

Participante 1 : Como eu observo o meu corpo? Silêncio...Não entendi. Ah, eu acho que o meu corpo está apto á praticar o esporte. O meu corpo está bem, não está 100% para jogar os noventa minutos inteiros, corridos...duma primeira divisão...mas para a minha idade está bom, eu acho!

Uilson – As atividades desenvolvidas no clube contribuem para o seu bem estar físico, mental e social? Por quê?

Participante 1 : As atividades? Contribuem . Físico, por que eu estou treinando. Mental porque você começa a valorizar mais as coisas, porque como eu fiquei no Campinas lá, no ano

passado você vê muita gente de outras cidades, longe de casa, fazendo muito tempo que não via a mãe...separado de casa a muito tempo, também, só para tentar um bom futuro para eles e para as famílias deles , e eu...daí você começa mais a valorizar o que você tem, sabe? E eu como moro aqui em Campinas,também, fica mais fácil pra mim . Comecei a valorizar mais , dar mai valor para a nossa vida, tudo o que a gente tem.

Uilson – Durante uma partida de futebol, como as outras pessoas veem o seu corpo? Como os outros o veem quando você está jogando?

Participante 1 : Como as outras pessoas veem o meu corpo? Normal. Igual a um corpo de um adolescente de 17 anos, dum atleta ora! Acho que sim. Eu não sei o que as outras pessoas pensam do meu corpo...eu não sei.

Uilson – Como você se sente em relação ao seu corpo?

Participante 1 – Como me sinto em relação ao meu corpo? Me sinto bem com ele. Me sinto bem. Sem nenhuma barriguinha.

Participante 2

Uilson – Em que ano começou a praticar sistematicamente futebol?

Participante 2 : Aos 14 anos (1997), na Ponte Preta e depois aqui.

Uilson – Antes da Ponte Preta você não jogou em nenhum outro lugar?

Participante 2 : Antes da Ponte não. Só em escolinha mesmo. Uma escolinha perto de casa, sabe. A escolinha Craques do Futuro, eu acho que era esse o nome.

Uilson – Mas vocês competiam?

Participante 2 : Ah...só uns amistosos...nada de mais. Mas eu só disputei mesmo foi na Ponte Preta mesmo. Eu cheguei a disputar campeonatos pela Ponte.

Uilson - Você chegou a disputar o campeonato Paulista pela Ponte?

Participante 2 : Eu disputei um Paulista. Chegamos em 3º lugar. No Infantil.

Uilson – Em que ano você ingressou aqui no Careca?

Participante 2 : Aos 15 anos , no ano de 1998.

Uilson – Em qual posição você joga?

Participante 2 : Meio- campo.

Uilson – Em qual posição gostaria de jogar?

Participante 2 : Meio-campo

Uilson – Você está satisfeito?

Participante 2 : Estou satisfeito.

Uilson – Quais as atividades corporais (brincadeiras) que você realizava quando era criança?

Participante 2 : Futebol.

Uilson – Só futebol?

Participante 2 : Só futebol....

Uilson – O que você mais gostava de fazer quando criança? Por quê?

Participante 2 : Jogava bola, porque dava prazer né,porque eu gostava mesmo. Gostava...gosto até hoje.

Uilson – Onde você mais gostava de brincar quando era criança? Por quê?

Participante 2 : Num clubinho perto de casa. Porque lá tinha um pessoal né, fazia pelada. Bastante gente. Dava para fazer uns três times lá...daí o "pau comia".

Uilson – Você brincava com muitos amigos , quando era pequeno?

Participante 2 : Brincava com os meus primos, com o pessoal da escola também.

Uilson – Qual a atividade corporal que você mais gostava de realizar quando era criança? Por quê?

Participante 2 : Futebol, porque....já respondi...

Uilson – Você realizava alguma atividade corporal na escola? Quais?

Participante 2 : Futebol de salão, quando era a educação física...futebol de salão...o resto eu deixava de lado...basquete, vôlei...pára!!! Não é comigo não...

Uilson – Antes de jogar na Ponte Preta, o que você gostava de fazer?

Participante 2 : Jogava futebol né, com os moleques assim...gostava de jogar futebol...é só isso...é!

Uilson – Você saía muito com seus amigos?

Participante 2 : Não. Eu não saía muito não.

Uilson – Você só ficava em casa?

Participante 2 : Eu estava dando umas saídas aí, mas....parei...porque agora a vida é mais profissional agora né, a gente tem mais dedicação agora.

Uilson – Quais os lugares que você mais frequentava antes de jogar ?

Participante 2 : Ah...o lugar que eu mais frequentava era sempre as chácaras né, assim da minha tia, também tinha um gramado lá e a gente sempre jogava futebol lá, eu e os meus tios, meus primos...jogava bola lá. Ping pong também gosto.

Uilson – O que você mais gostava de fazer durante as férias?

Participante 2 : Durante as férias? Ah, piscina viu...uma piscininha...Eu também gostava de correr, sabe? Correr no Taquaral, no Bosque...fazer um condicionamento físico, porque a gente está parado...só para não ficar parado.

Uilson – Quais as melhores lembranças do tempo que você não jogava na Ponte Preta?

Participante 2 : Sinto falta dos amigos, que largou bastante né...Falta dos amigos que tinha antes...é isso...

Uilson - O que mais te motiva a jogar futebol?

Participante 2 : O prazer do gol. É ...nossa...esse é o principal fator. E porque eu amo o futebol. É a coisa que eu gosto mesmo.

Uilson – Quais as atividades que você mais gosta de participar no clube?

Participante 2 : Que eu gosto mais ? É o futebol, o coletivo que a gente faz no treino é isso....

Uilson – Na condição de jogador de futebol, como você observa o seu corpo?

Participante 2 : O meu corpo? É eu preciso pegar um pouco mais de tórax, porque o preparador físico mesmo disse que eu só tenho perna, só pô! Aí tem que fazer uma musculação, tem que dá uma.....

Uilson – Ficar mais forte?

Participante 2 : É.

Uilson – As atividades desenvolvidas aqui no clube contribuem para o seu bem estar físico, mental e social?

Participante 2 : Contribuem, porque lá for a né, o mundo é bem diferente. Por isso, o futebol...a gente aprende bastante coisa sabe? Aprende como ter disciplina dentro de campo, sabe? Aprendeaprende também á ter união, sabe? Porque o time é uma união, uma equipe. Então aprende estas coisas...

Uilson – Durante uma partida de futebol, como as outras pessoas veem o seu corpo?

Participante 2 : Ah...eu acho que elas veêm bem...elas veêm bem o meu corpo sim. Eu nunca ouvi reclamação...

Uilson – Como você se sente em relação ao seu corpo?

Participante 2 : Me sinto bem...gosto...levinho...Dá para correr bastante, meter uma fumaça na “zaga”.
Correr...

Participante 3

Uilson – Em que ano você começou a praticar sistematicamente futebol?

Participante 3 : 1998. Aqui no Campinas.

Uilson – Você não jogou em nenhum outro lugar antes?

Participante 3 : Não. Eu joguei numa escolinha perto de casa, só que foram só seis meses, só. No Cecom.

Uilson – Em que ano começou a jogar aqui?

Participante 3 : 1998.

Uilson – Em qual posição você joga?

Participante 3 : Goleiro.

Uilson – Você queria ser goleiro mesmo, ou queria jogar em outra posição?

Participante 3 : Eu sempre fui goleiro...sou muito ruim com o pé. Um negação com o pé...e como eu gosto muito de futebol, eu sempre ia pro gol. E acabei gostando...

Uilson – Quais as atividades corporais (brincadeiras) que você realizava quando era criança?

Participante 3 : Gostava de brincadeiras, assim...esconde-esconde, pega-pega, futebol (É lógico!). É isso mesmo...brincadeiras, assim, que mexessem bem , corria bastante na escola, na rua.

Uilson – O que você mais gostava de fazer quando era pequeno? Por quê?

Participante 3 : Jogar bola. Com certeza. Ah , não sei...até porque meu pai gosta bastante de futebol, também né.

Uilson – O seu pai foi jogador de futebol também?

Participante 3 : O meu pai foi, ele jogou nas categorias de base do Guarani...no mirim do Guarani.

Uilson – Ele jogou pouco? Era goleiro também?

Participante 3 : Jogou pouquinho. Ele era atacante ...risos...ele não gosta que eu sou goleiro...não gosta...

Uilson – Do que você mais gostava de brincar quando era pequeno?

Participante 3 : Futebol, né.

Uilson – Você realizava alguma atividade corporal (Esportes ou Brincadeiras) na escola?

Participante 3 : Na escola? Ah eu sempre jogava bola, eu gosto também de jogar volêi, porque goleiro gosta de pular, jogo bem volêi, também!

Uilson – Antes de praticar sistematicamente futebol, que tipo de atividade você mais gostava de fazer? Por quê?

Participante 3 : Gostava de...risos...Sempre se reunir na rua. Sempre inventava alguma coisa para fazer, uma brincadeira nova, sempre correndo.

Uilson – Você não se lembra dos nomes das brincadeiras?

Participante 3 : A maioria era esconde-esconde, que nem ...era uma pracinha assim, um terreno baldio, então era grande, então para se esconder era uma maravilha, aí era bom...

Uilson – Você tinha bastante amigos?

Participante 3 : Tinha.

Uilson – Você consegue mantê-los?

Participante 3 : Sim consigo, até hoje.

Uilson – Está é uma dúvida minha, atrapalha muito a amizade o fato de vocês jogarem aqui?

Participante 3 : Atrapalha. Que nem eu mesmo não tenho o mesmo relacionamento, que nem eu tinha com meus amigos, eu ficava todo dia a tarde, todo dia a tarde jogando bola com os meus amigos. Nem só eu...como os meus amigos estudam, outros trabalham, entendeu?

Uilson – Eu me recordo de quando eu jogava volêi atrapalhava bastante, principalmente nos finais de semana...

Participante 3 : Sábado á noite você quer sair daí tem jogo no domingo...

Uilson – Quais os lugares que você gostava de frequentar com os seus amigos?

Participante 3 : Silêncio...gostava de ficar bastante na pracinha perto de casa.

Uilson – Vocês não saíam á noite?

Participante 3 : Saía, a gente sempre... que nem comprava pizza ou lanche e ficava comendo na garagem de alguém.

Uilson – O que você mais gostava de fazer durante as férias?

Participante 3 : Durante as férias? Ah, jogar bola. Viajava, é verdade! Alguns dias eu ia pra praia, alguns dias ficava na chácara da minha avó.

Uilson – Esses lugares ficavam aqui em São Paulo mesmo, ou em outros Estados?

Participante 3 : Pra praia eu ia para São Sebastião e a chácara da minha avó fica aqui no Solar das Andorinhas.

Uilson – Quais as melhores lembranças do tempo em que você não jogava futebol?

Participante 3 : Podia sair não me preocupar...eu era livre, não tinha muita responsabilidade...Silêncio...Podia sair a qualquer hora do dia, podia programar algumas coisas para a gente sair, ir no shopping, no cinema.

Uilson – Aqui há uma cobrança muito grande em cima de você?

Participante 3 : Aqui há...em geral todo goleiro é assim, aqui...teve um problema neste campeonato, que nem não tem treinador de goleiro, então sempre sobrava pra gente ... aí a gente se virava, quem estava numa boa fase...que nem neste campeonato eu não estava numa boa fase, até que num jogo da semifinal, eu fiz algumas falhas, falhas assim que fizeram gol. Daí eu perdi a posição...mas fazer o quê?

Uilson - O que mais te motiva a jogar futebol?

Participante 3 : Eu acho que é... a fama, dinheiro também, é porque eu gosto também, gosto de ver. Sei lá, porque sempre assim, o goleiro numa situação de penalti pode ser o herói...que nem o Tafaél foi na Copa.

Uilson – Quais as atividades que você mais gosta de participar no clube? Por quê?

Participante 3 : Só participo do futebol, mesmo.

Uilson – Na condição de jogador de futebol, como você observa o seu corpo?

Participante 3 : Meu corpo? Depois que eu comecei a fazer os exercícios ficou mais...mais definido ...ah, condicionando o corpo.

Uilson – As atividades desenvolvidas no clube contribuem para o seu bem estar físico, mental e social?

Participante 3 : Eu acho que sim, porque aqui você tem...que nem o treinador fala...a gente adquiriu disciplina...adquiriu...cumprir horário, responsabilidade, cobrança também. Então isso, você transmite, passa também numa sociedade...começa a viver melhor.

Uilson – Durante uma partida de futebol, como as outras pessoas veem o seu corpo?

Participante 3 : Ah, sempre um goleiro alto e magro...risos...deve ser isso...

Uilson – Como você se sente em relação ao seu corpo?

Participante 3 : Me sinto bem né, com saúde principalmente. Eu queria ser mais forte, porque por ser goleiro eu sou até que magro. Ter mais corpo.

Participante 4

Uilson – Em que ano você começou a praticar futebol sistematicamente, ou em clubes?

Participante 4 : Em 1997, na Ponte Preta.

Uilson – Você participou de competições pela Ponte Preta?

Participante 4 : Competi, na Copa Nike.

Uilson – Em que ano você começou a jogar no Campinas?

Participante 4 : Em 1999.

Uilson – Em qual posição você joga?

Participante 4 : Atacante.

Uilson – Você gostaria de jogar como atacante mesmo, ou gostaria de jogar em outra posição?

Participante 4 : A posição que eu sempre sonhei for ser zagueiro. Pela a minha altura, também.

Uilson – Quais as brincadeiras que você mais gostava de fazer quando você era pequeno?

Participante 4 : As artes, né? Ah, o meu negócio mesmo era bola, desde pequeno. É tipo assim, eu sou duma família pobre né, desde pequeno eu nunca tive oportunidade dos meus pais pagarem uma escolinha, como hoje em dia. Mas eu sempre batalhei, desde pequeno tive essas...daí eu tive está oportunidade aqui no Campinas, de fazer um teste e aí eu passei.

Uilson – Mas quando você era pequeno você não brincava de esconde-esconde, destas coisas?

Participante 4 : Ah, brincava. Brincava mais de "cair no poço" com as meninas, eu era muito safadinho, safado né. Sempre fui, desde os meus 5 anos de idade, sempre fui no meio da farra.

Uilson – O que você mais gostava de fazer quando era pequeno? Por quê?

Participante 4 : O que eu mais gostava de fazer? Silêncio...jogar bola, estudar. Estudar sempre foi o primeiro objetivo da minha vida, desde pequeno assim, na minha infância foi estudar, me dedica a escola e depois o futebol.

Uilson – Quando você era pequeno, você tinha bastante amigos?

Participante 4 : Eu tinha bastante. Só que a maioria dos meus amigos eram todos uns invejosos. Porque eu falava para eles entendeu, tipo assim, na consciência de que eles iam me ajudar....mas não....eles queriam me prejudicar.

Uilson – Você brincava com os amigos?

Participante 4 : Sim, eu brincava mais com homens do que com mulheres. Eu tinha mais amizade com homem.

Uilson – Quem eram eles?

Participante 4 : Eram os meninos da minha rua, entendeu. Meus vizinhos.

Uilson – E na escola , você realizava alguma atividade corporal (Prática esportiva, brincadeiras...)

Participante 4 : Brincava...era handebol na época, e eu me destava bem no handebol...eu sempre fui alto, então...foi handebol...

Uilson – Só handebol? Você não vivenciou outras modalidades?

Participante 4 – Basquete.

Uilson – Antes de praticar sistematicamente futebol, qual a atividade que você mais gostava de fazer? Por quê?

Participante 4 : Atividade que eu mais gostava de fazer? Correr.

Uilson – Só correr?

Participante 4 : Não. Tinha várias correr...silêncio....ir no shopping. Gostava muito de ir no shopping, gosto até hoje. Praticar salas de jogos, a minha atividade sempre foi jogos, sempre em termos de jogos. Daí eu ia pro cinema também...

Uilson – Por quê você gostava de fazer estas coisas? O que tinha de interessante nas salas de jogos e cinema?

Participante 4 : Diversão né...ilusão às vezes, também né. Porque jogos, todo jogo é ilusão da vida, dependendo do tipo do jogo...mas sempre gostei.

Uilson – Você saía muito com os seus amigos?

Participante 4 : Saía e saio até hoje...contínuo, saio muito.

Uilson – Quais os lugares que você mais gostava de ir com eles?

Participante 4 : Antes eu não tinha idade suficiente para sair, mas mesmo assim eu saía com os mais velhos, entendeu. Da minha idade. Eu gostava de sair assim, para danceterias, sorveterias...ou às praças assim...o meu maior desejo sempre foi mulher...eu só ia atrás disso...o meu objetivo era este.

Uilson – O que você mais gostava de fazer durante as férias antes de jogar futebol, seja na Ponte Preta ou no Campinas?

Participante 4 : Durante as férias? Eu ia viajar para a fazenda da minha avó, em Pereira Barreto – São Paulo. Interior de São Paulo.

Uilson - O que você gostava de fazer lá , na fazenda?

Participante 4 : Pra falar a verdade, eu amo...eu prefiro fazenda, morar em chácara, sítio, do que cidade, sabe. Porque lá a vida é mais calma sabe, e as atividades na fazenda da minha avó sempre gostei...andar á cavalo, sempre gostei...gosto até hoje. Nadar nos rios, nas cachoeiras, comer fruta do pomar, assim...sempre gostei entendeu. Andar sujo, assim, descalço, á vontade. Entendeu? Sempre foi isso.

Uilson – Então nas férias, antigamente, o seu passatempo preferido era ir para a fazenda?

Participante 4 : Até hoje eu vou...se eu tiver 10 dias de férias eu vou...já sei o meu sentido para ir.

Uilson – Quais as melhores lembranças do tempo em que não praticava sistematicamente futebol?

Participante 4 : Em primeiro lugar, antigamente era a farra, eu não estava nem aí quando...com o meu corpo, entendeu? Eu era relaxado, mas hoje em dia eu sei se eu passar uma noite sem dormir, eu sei se eu vou passar mal ou não. O meu corpo não vai sentir bem mais. Dependendo das atividades...hoje sim as responsabilidades são muitas, em termos de futebol...é isso.

Uilson – O que mais te motiva a jogar futebol?

Participante 4 : O que mais me motiva? É o incentivo do professor.

Uilson – E aqui tem este incentivo?

Participante 4 : Tem, e tem muito. Só não aproveita quem não quer. Porque quando eu comecei no ano passado aqui, oh ...os professores que me incentivaram, entendeu, senão eu estaria...eu não estaria mais aqui. Eu subi para o juvenil aí eu tive está oportunidade de ficar até hoje.

Uilson – O que te fez procurar a Ponte Preta ou mesmo aqui? A jogar futebol desde pequeno?

Participante 4 : Os jogadores que eu via na televisão, né. Eu via aqueles gols bonitos, entendeu? Eu vibrava mesmo, parece que quando eu via gol, quando eu via o jogo na televisão, arrepiava eu, sabe...parece que era uma coisa que me chamava mesmo, desde pequeno. É isso aí.

Uilson – Quais as atividades que você mais gosta de participar no clube? Por quê?

Participante 4 : Só futebol mesmo.

Uilson – Na condição de jogador de futebol, como você observa o seu corpo?

Participante 4 : Na condição de jogador de futebol? Eu não sou 100% atacante, eu tenho que aprender muito na vida, porque eu não sou, eu estou plantando para mim colher futuramente, entende? Então eu tenho que ver...porque as minhas condições não são boas também, porque eu estou aprendendo ainda. O professor está me incentivando, entende?

Uilson – As atividades desenvolvidas no clube contribuem para o seu bem estar físico, mental e social? Por quê?

Participante 4 : Sim. É muito bom. Contribuem porque daqui, quando eu saio daqui do treino, eu já vou pensando, entendeu? No próximo, no próximo treino, no próximo jogo. E tudo o que o professor fala para nós aqui, tem a ver com a nossas vidas, não é só em termos de futebol, entendeu? Ele dá conselho, entendeu? Ele fala o que a gente tem que fazer e o que a gente não deve fazer. E isso é muito bom a gente ouvir do professor, porque alguns professores vem, só dão a aula e não falam nada, não explicam, entendeu? Os professores daqui são muito compreensivos...

Uilson – Durante uma partida de futebol, como você acha que as outras pessoas o veem jogando? Você acha que tem muita cobrança?

Participante 4 : Às vezes tem muita cobrança, entendeu? Mas muitos...todos incentivam porque todos sabem que eu tenho a possibilidade de agir, porque de 10 oportunidades, 9 eu consigo, só 1 que não. Então eu sou muito aquele cara que vou atrás, sou raçudo, entendeu? E é isso o que eu vejo do futebol...

Uilson – Como você se sente em relação ao seu corpo?

Participante 4 : Como eu me sinto? O meu corpo não está 100% né, mas está quase definido já né. E o meu corpo assim, não sei ...eu acho o meu corpo assim, como de jogador, entendeu? Até o meu corpo já diz que eu vou ser...vou ser não, eu vou ser um jogador.

Participante 5

Uilson - Em que começou a jogar futebol em clube?

Participante 5 : Ah, eu sempre joguei, desde os 5 – 6 anos. Numa escolinha aqui em Campinas, "Craques do Futuro", lá no Cambuí.

Uilson – Mas competir, você desde pequeno você competia?

Participante 5 : É, eu jogava os campeonatos que tinham na escolinha, saía para jogar pra fora, desde pequeno eu disputava.

Uilson – Você chegou a jogar na Ponte Preta ou no Guarani?

Participante 5 : Eu já fiz testes, já cheguei a treinar 2 meses na Ponte, e no Guarani treinei 1 mês. Só que...

Uilson – Você competiu por esses times?

Participante 5 : Não cheguei a jogar, só fiz alguns amistosos, mas daí fui dispensado.

Uilson – Em que ano começou a jogar no Campinas?

Participante 5 : Fazem 2 anos, desde 1998.

Uilson – Em qual posição você joga?

Participante 5 : Centro-avante.

Uilson – Você gostaria de jogar como centro-avante mesmo, ou em outra posição?

Participante 5 : Só como centro-avante mesmo.

Uilson- Quais as brincadeiras que você mais gostava de realizar quando era criança?

Participante 5 : É...jogar futebol, jogar bolinha-de-gude.

Uilson – E você era bom na bolinha-de-gude?

Participante 5 : Ah! Era, né. Tudo o que era esporte eu sempre gostei, desde pequeno. Jogava vôlei, devido a altura. Brincava de esconde-esconde, natural.

Uilson – O que você mais gostava de fazer quando era criança? Por quê?

Participante 5 : Jogar bola, ah! Porque tá no sangue...

Uilson – Onde você mais gostava de brincar quando criança? Por quê?

Participante 5 : Na rua, perto de casa. Porque tinha os amigos, a molecada lá, é por isso né...

Uilson – Você realizava alguma atividade corporal na escola?

Participante 5 : A partir da 3ª série, quando a gente começou a fazer educação física.

Uilson – O que você fazia na educação física?

Participante 5 : No começo nós não fazíamos nada, só brincava de queimada, dessas coisas só... a partir da 4ª e 5ª séries que o professor começou a ensinar vôlei, basquete, handebol, futebol né...a partir da 5ª que a gente começou a praticar esportes, antes no primário era só brincadeira mesmo.

Uilson – Você gostava da educação física da escola?

Participante 5 : Era bom...

Uilson – Antes de você começar a jogar aqui no Careca quais as atividades que você gostava de fazer?

Participante 5 : Ia no Taquaral, corria, fiz dois meses de musculação. Parei por que pela posição que eu jogo não posso fazer muita musculação senão fica lento. Perde a velocidade.

Uilson – Quer dizer que antes de jogar aqui, você já pensava no seu corpo, na parte física para estar bem para jogar futebol?

Participante 5: Não era bem assim, é porque eu gostava mesmo, não que eu queria estar bem. É porque também, que meu tio e meu pai ficam enchendo o saco para eu correr sempre. Para eu não engordar.

Uilson – Você não gostava de ir ao cinema, ao shopping, sei lá fazer coisas normais?

Participante 5 : Não é que eu não gostava, mas eu não ia. Não tinha como eu ir, né. Não é que eu não goste, mas era muito difícil...

Uilson – Você saía com os seus amigos antes de começar a jogar aqui?

Participante 5 : A gente saía só para jogar. Jogar...assim, era difícil sair...às vezes tinha festa na casa de colega meu e eu ia, com a minha família, mas sair assim pra ir em danceteria, essas coisas não.

Uilson – O que você mais gostava de fazer durante as férias, antigamente?

Participante 5 : Viajar. Eu ia pro interior, para esses lugares...fazenda dos meus tios..

Uilson – E o que havia de legal lá na fazenda?

Participante 5 : Cavalos, rios para nadar..jogava bola lá, também...eu gostava né?

Uilson – Quais as melhores lembranças do tempo em que não jogava futebol aqui? O que você podia fazer antigamente e não pode fazer agora?

Participante 5 : É ...muita coisa você tem que manerar a boca, pra comer e não subir o peso. Pô eu nunca bebi, mas uma coisa, também que você não pode fazer, não pode beber nada alcoólico, até refrigerante mesmo não é bom para atleta né....essas coisas né.

Uilson – O que mais te motiva a jogar futebol?

Participante 5 : Eu gosto...risos...

Uilson – Mais o que mais te motiva? Dinheiro, fama?

Participante 5 : Não...eu jogo porque eu gosto mesmo, assim, eu acho que dinheiro e fama se você conseguir ingressar num clube profissional é consequência, né. Mas eu jogo porque eu gosto mesmo.

Uilson – Quais as atividades que você mais gosta de participar aqui no clube? Você só joga futebol mesmo, aqui?

Participante 5 : Sim, só futebol mesmo.

Uilson – Na condição de jogador de futebol, como você observa o seu corpo?

Participante 5 : Ah, eu acho que eu tenho um corpo bom para a posição que eu jogo, né. Eu estou bem condicionado, né, porque eu me cuido bastante. Eu procuro me manter sempre em forma, né. E eu acho que eu estou bem sim.

Uilson – Você acha que as atividades desenvolvidas no clube contribuem para o seu bem estar físico, mental e social?

Participante 5 : Eu acho...acredito que sim, né...Uma coisa assim, quando você está praticando algum esporte você fica longe né, vamos supor de má companhia, você não fica na rua, não se meter com drogas, essas coisas. E outra coisa também, você....o tempo passa e você não vê, você está aqui jogando e a hora que você vê ...a hora passa..é bom né..

Uilson – Durante uma partida de futebol, como você acha que as outras pessoas, o veem jogando futebol, errando, se machucando, perdendo gol, fazendo falta?

Participante 5 : Tem muita cobrança em cima, muita cobrança...principalmente quando eu jogava no infanto-juvenil e eu comecei bem, estava jogando, daí eu peguei um resfriado, fui pro banco... e foi um sufoco...eu entrava faltando 2 minutos pro final só, daí vinha aquela cobrança em cima...Eu acho que eles veem de uma maneira boa, porque sempre que teve seleção da escolinha para sair pra fora para disputar campeonato, que nem no ano passado, eu sempre estava no meio das seleções...ah, eu acho que as pessoas me veem bem, né.

Uilson – Como você se sente em relação ao seu corpo?

Participante 5 : Ah, eu tô bem sim, agora...antigamente eu estava meio gordinho, 1 ano e meio atrás, relaxei de mais e os caras pegavam no meu pé...mas agora eu mantenho o peso.